INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Estevão Prondi Souza da Silva

# O ACONTECER HERMENÊUTICO EM HANS-GEORG GADAMER:

## o diálogo como manifestação da compreensão

Teresina
2016

Estevão Prondi Souza da Silva

# O ACONTECER HERMENÊUTICO EM HANS-GEORG GADAMER:

## o diálogo como manifestação da compreensão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, sob a orientação da Profª. Ma. Maria dos Santos Silva Lopes.

Cod. 5902
100
S586a
Ex. 01

Teresina

2016

ICSPI Biblioteca
13229 09/12/19

Estevão Prondi Souza da Silva

**O ACONTECER HERMENÊUTICO EM HANS-GEORG GADAMER:**

o diálogo como manifestação da compreensão

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora

---

Profª. Ma. Maria dos Santos Silva Lopes – ICESPI - PI

---

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista – UFPI - PI

---

Profª. Ma. Elizângela Amaral Soares Osório – ICESPI - PI

## DEDICATÓRIA

À Imaculada Conceição, diálogo amoroso e terno.

À Diocese de Parnaíba na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Juarez Sousa e Silva.

Aos meus pais, base de minha vocação.

Aos meus irmãos e amigos que comigo trilham esse caminho.

## AGRADECIMENTOS

*À Deus, diálogo sublime e eterno;*

*À minha família, peça chave que representa equilíbrio e exemplo, serei eternamente grato. Pai, você é exemplo de profissional, seus conselhos são levados à risca e suas palavras me incitam a buscar sempre mais! Mãe, seu afeto, preocupação e carinho são características que levo para minha vida pessoal, modelo de equilíbrio e sabedoria;*

*Ao meu irmão Stefhanno Prandi e minha irmã Stefhanny Prandi, por tamanho apoio e carinho;*

*Aos meus avós guerreiros e amáveis, foram fundamentais na minha formação;*

*À Dom Alfredo Shaffler, bispo emérito de Parnaíba pelo testemunho e incentivo para com as vocações;*

*Aos meus pastores espirituais, Pe. Vittorio Ferrari, Pe. Jeremias Mathias e Pe. Francisco Carvalho, pelo exemplo de serviço e amor dedicado pela Santa igreja;*

*Aos queridos e fiéis amigos que compartilham comigo da arte do diálogo, em especial José Enéas e Thaisa Castro sei que posso contar com vocês, obrigado por ouvir, rir e chorar comigo;*

*À Igreja do Piauí, aos meus formadores em especial Pe. Aerton Marcos com quem o diálogo é sempre inspirador;*

*Aos irmãos seminaristas em especial Bruno Sousa e Francisco Café, com quem o diálogo é sempre rico e inovador;*

*Aos queridos irmãos, Iran Freitas e Francisco José (Neto) que dividem comigo a alegria de convivermos na mesma casa e de vivenciarmos a serenidade do diálogo;*

*À minha orientadora, Profª. Ma. Santinha, sou grato pela inspiração do tema, pela amizade e por sua presença simples e serena;*

*Aos Professores Dr. Almir Ferreira (UEMA-MA), Dr. Gustavo Silvano (UFPI-PI) e Dr. Luiz Rohden (UNISINOS-RS) pelas valiosas contribuições e inspirações filosóficas;*

*À mestra amiga, estimada Profª. Ma. Elisângela Amaral, pelas correções, incentivos e por tamanha proximidade;*

*Ao caro amigo Welson Barbosa que com tanta disponibilidade corrigiu todos os textos;*

*Enfim, àqueles que me ajudaram a vencer esta etapa, comuns a muitos, mas única na forma de encarar os desafios.*

"[...] diese grundlegende Aufgabe des Menschen:
zu werden Zuhörer [...]".

"[...] essa tarefa fundamental do ser humano:
tornar-se ouvinte [...]".

*Hans-Georg Gadamer*

## RESUMO

Esta análise objetiva apresentar o pensamento hermenêutico de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), a partir de sua principal obra *Verdade e Método*. Discute sobre a compreensão dialógica como modo de vida que ocorre na experiência de finitude, enquanto linguagem. Evidencia-se, inicialmente, a crítica de Gadamer à acepção de verdade da ciência moderna e, com base nisso, reabilita-se o conceito de preconceito na contramão do Iluminismo. Depois disso, apresenta-se o horizonte histórico de realização da compreensão para o qual a consciência histórica é elemento norteador da experiência hermenêutica. Apresenta-se, conquanto, a reflexão sobre o diálogo enquanto *medium* linguístico e modo de vida que se perfaz na relação *eu / tu*. Com Gadamer, se apresenta a relevância do diálogo para o filosofar, entendido como exigência da relação entre a escuta, a pergunta e a resposta e a compreensão da vida e do outro.



**Palavras-chave: Hermenêutica. Linguagem. Experiência. Diálogo.**

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Analyse hat den Zweck, das hermeneutischen Gedanken an Hans-Georg Gadamer (1900-2002) von seinem Hauptwerk *Wahrheit und Methode* vorzustellen. Sie erläutert die dialogischen Verständnis als Lebensweise, die in der Endlichkeit der Erfahrung als Sprache, auftritt. Es ist offensichtlich, erstens, die Kritik von Gadamer an die wahre Bedeutung der modernen Wissenschaft und, auf dieser Grundlage, sie rehabilitiert das Konzept der *Vorurteile* gegen die Aufklärung. Danach stellt sie das historischen Horizont der Realisierung des Verständnisses führen, für den das historische Bewußtsein das Element der Hermeneutik Erfahrung ist. Sie stellt die Reflexion über den Dialog als sprächliches *Medium* und Lebensweise vor, die in der *Ich/Du* relation addiert. Mit Gadamer, stellt man die Bedeutung des Dialogs zu philosophieren vor, verstanden als Voraussetzung für die Beziehung zwischen Hören, Frage, Antwort und das Verständnis des Lebens und der Anderen.



**Schlüsselwörter: Hermeneutik. Sprache. Erfahrung. Dialog .**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ..... 9

2 A REABILITAÇÃO DA PRECOMPREENSÃO COMO CRÍTICA À CIÊNCIA 12

2.1 Gadamer e o conceito de preconceito ..... 14

3 A RELEVÂNCIA DA PRECOMPREENSÃO PARA A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA ..... 18

3.1 A importância da história efeitual para a compreensão ..... 18

3.2 Da precompreensão em Heidegger para o compreender em Gadamer ..... 22

3.3 Da distância temporal para a experiência hermenêutica ..... 26

4 O HORIZONTE DIALÓGICO DA COMPREENSÃO ..... 30

4.1 A incapacidade para o diálogo ..... 30

4.2 A lógica da pergunta e da resposta ..... 36

4.3 O diálogo como *medium* linguístico ..... 38

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 46

REFERÊNCIAS ..... 49

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico aborda o tema da hermenêutica contemporânea desenvolvida pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002) enquanto hermenêutica universal da linguagem que relaciona a compreensão como *verdade* que acontece na experiência dialógica da vida e que ultrapassa o conceito de experiência do método científico. Em *Verdade e Método*, Gadamer discute a verdade relacionada ao método, defesa e crítica de sua hermenêutica filosófica, pois critica tanto o método científico quanto o método das *Ciências do espírito* (*Geisteswissenschaften*), e as consequências deste para a fundamentação das mesmas, portanto, para a compreensão do mundo da vida (*Lebensvelt*)[1]. Esse conceito de mundo da vida associado ao de historicidade[2] de Heidegger são importantes para a experiência hermenêutica de Gadamer. Sua crítica à ciência visa ao resgate de uma compreensão filosófica para além do conceito de verdade da ciência, mediada pelo método científico. Com base nisso, propôs a hermenêutica, não só como método, mas como modo de vida (ontologia) que considera a verdade como experiência de vida.

A hermenêutica filosófica em sua reflexão sobre a compreensão, articula uma crítica dirigida à ciência moderna que em seu desdobramento instaura o mundo da vida relativizado pela ciência e a técnica. A partir disso, Gadamer problematiza um dos sintomas da sociedade contemporânea do século XX, registrando então o fenômeno chamado de incapacidade para o diálogo, enquanto uma indisponibilidade nossa para conversação e desenvolvimento de experiências de ir ao encontro do outro.

Tomamos como ponto de partida a elucidação hermenêutica de incapacidade do diálogo como característica do nosso modo de estar no mundo no horizonte de diversas experiências, refletimos o fenômeno do diálogo como expressão nuclear e determinante do nosso ser enquanto ser de linguagem. Afinal o diálogo emerge do fato de estarmos necessariamente no

---

[1] Cf. Mundo da vida em alemão: Lebenswelt, em inglês: Lifeworld, é um termo da filosofia ligado principalmente com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938 em sua obra: "A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental", Gadamer vai retoma este termo em suas pesquisas. Disponível em: https:<//geifenomenologia.wordpress.com/fenomenologia-2/temas-diretores/mundo-da-vida/>. Acesso em: 09 out. 2016.

[2] Cf. Segundo Machado de Oliveira, Cristina G: "assim, em Heidegger, ao conceber o ser como forma e presença objetiva acabamos por tornar impossível o devir e a história, ou seja, a existência histórica do homem. Para salvaguardar a historicidade da existência – esta é a tese de Heidegger – não se deve entender, portanto, o ser como aquilo que é comum a todos os entes, mas como diferença de todo o ente". Disponível em: https:<//www.google.com.br/search?q=conceito+de+historicidade+em+heidegger&oq=conceito+de+historidade+em+Heidegger&gs>. Acesso em: 09 jun. 2016.

*medium* da linguagem, posto que somos linguagem, compreendemos e nos dirigimos à construção e ao desafio junto ao mundo com os outros, um mundo comum.

A reflexão sobre a hermenêutica do diálogo em Gadamer ocorre na segunda parte de sua obra magna, de 1960, *Verdade e Método (Wahrheit und Methode)*. Tal temática, a do diálogo no horizonte da compreensão hermenêutica, realiza-se na mediação linguística entre duas ou mais pessoas que ao dizerem a sua palavra, colocam-se à escuta do outro e permitem o conhecer-se. Trata-se de um momento que exige a presença atenta para sentir, acolher as expressões, os movimentos, a entonação de voz, de tal modo, que o diálogo se constitui com e pela presença.

A pesquisa sobre a compreensão dialógica em Gadamer é relevante para a hermenêutica filosófica por fazer parte de seu núcleo de compreensão. De acordo com Gadamer, compreender é mediar um processo dialógico que acontece mutuamente e se perfaz no horizonte de quem é compreendido. Discussão que remonta à dialética socrático-platônica sob a diretiva do "dar à luz", isto é, fazer nascer, parir ou parturejar novas ideias e entendimentos. Tal dialética, que em Gadamer é diálogo, busca a verdade como acontecimento e situa a reflexão hermenêutica em seu ponto mais alto, a saber, o do *medium* linguístico, ou seja, a mediação da linguagem no horizonte compreensivo dialógico.

Com base nisso, a problemática que se desenvolve nesta pesquisa é a de investigar sob que medida a hermenêutica dialógica de Gadamer tornou-se uma questão paradigmática para a hermenêutica filosófica? No exercício de uma compreensão hermenêutica do mundo, a hermenêutica filosófica é dialógica?

Nesse contexto, são objetivos deste trabalho discutir sobre a dialógica na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer como questão paradigmática para a hermenêutica do acontecimento da verdade, a partir de *Verdade e Método* e apresentar a dialética-dialógica como *medium* da compreensão gadameriana.

Propõe-se a discussão sobre o diálogo em Gadamer como modo de vida, uma vez que o diálogo exige uma atitude atenta tanto de quem fala quanto de quem escuta. A hermenêutica gadameriana, nos apresenta o diálogo como uma ação que sempre deixa marca em nós, o diálogo possui uma força transformadora. Quando o diálogo acontece verdadeiramente, algo fica em nós, algo nos transforma. O escopo é entendê-lo como questão paradigmática para a hermenêutica do *acontecer da verdade* em Gadamer.

O desenvolvimento do trabalho organiza-se em três capítulos. O primeiro posiciona o pensamento de Hans-Georg Gadamer relacionado com a crítica à ciência moderna, com o intuito de reabilitar o conceito de preconceito, uma vez que este havia sido compreendido

somente como um entendimento não fundamentado. No segundo localiza-se a relevância da precompreensão para experiência hermenêutica, tendo em vista que é importante entendermos a importância da história efeitual para compreensão. O capítulo final, ao modo de uma conclusão aplicativa, pretende analisar o horizonte dialógico da compreensão, tendo em vista que na contemporaneidade temos um avanço significativo na incapacidade para o diálogo, época em que as pessoas estão a cada dia mais cheias de si mesmas, ouvindo apenas a si mesmas.

## 2 A REABILITAÇÃO DA PRECOMPREENSÃO COMO CRÍTICA À CIÊNCIA

A crítica de Gadamer à ciência tem relação direta com o método científico em sua pretensão de único modo de acesso à verdade. No contexto, que parte da época moderna e que coincide com a decadência das ciências positivas no início do século XX, Gadamer critica os limites de uma racionalidade que desconsidera a experiência da vida que é mais do que um método, entendida em sua amplidão de sentido que se constitui no mundo simbólico para o qual a tradição é importante.

Na introdução de *Verdade e Método* Gadamer salienta que:

> Na sua origem, o fenômeno hermenêutico não é, de forma alguma um problema de método [...]. Seu propósito é o de procurar por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo do controle da metodologia científica e indagar de sua própria legitimação, onde quer que a encontre [...]. A atualidade do problema hermenêutico repousa, ao meu ver, que apenas um aprofundamento no fenômeno da compreensão pode trazer uma tal legitimação [...]. Portanto, esses estudos sobre Hermenêutica procuram demonstrar a partir da experiência da arte e da tradição histórica, o fenômeno da Hermenêutica em toda a sua envergadura [...]. O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e de nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos, como experimentamos as tradições históricas, as ocorrências naturais da nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico [...] Uma reflexão sobre o que é verdade nas ciências do espírito não pode querer, pela reflexão, subtrair-se à tradição cuja vinculabilidade descobriu (GADAMER, 2015, p. 29-32).

Após alguns estudos Gadamer conclui que a verdade não pode ser compreendida metodicamente, mas dialeticamente, visto que, o método seria incapaz de evidenciar uma nova verdade, somente apresentando a verdade já inclusa no método.

O que é paradigmático é que esse método científico se tornara o método para a compreensão das ciências do espírito. E Dilthey é o principal representante da fundamentação das ciências do espírito. Por isso, Gadamer não é nem um pouco generoso com Dilthey, ao contrário, este será alvo de suas críticas.

Gadamer evidencia que a certeza científica para Dilthey não é nada mais que a limitação da certeza que se encontra no interior da vida. "O que não significa que Dilthey não tivesse sofrido as incertezas da vida, com todo o peso que lhe confere a historicidade concreta"

(GADAMER, 1998, p. 35). De maneira oposta, quanto mais se empenhava nos estudos das ciências modernas, mais experimentava da pressão de sua tradição e as forças da vida moderna. Dilthey procurava algo firme para sua sustentação perante uma fase agitada de sua vida. Ora, por outro lado, Dilthey procurava vencer as incertezas da vida com o intento de encontrar algo concreto nas ciências, deixando de lado as certezas das experiências da vida (GADAMER, 1998).

Gadamer em contraponto às ciências naturais de que esta seria a única capaz de conceder validade às experiências de verdade[3], procurou através das ciências do espírito um horizonte compreensivo mais próximo da tradição e da história. O filósofo acreditava que o método científico seria incapaz de atingir uma explicação filosófica do entendimento de mundo, muito menos de verdade, uma vez que a compreensão humana está alicerçada em sua temporalidade e historicidade.

Na filosofia de René Descartes (1596-1650) encontraremos uma relação do *cogito* com o *sum*, esta relação por sua vez determina a certeza como único critério de verdade. O filósofo francês determina seu método chamando-o de dúvida metódica.

> De fato, a certeza que se adquire através da dúvida é fundamentalmente diferente daquele outro tipo de certeza, imediata, que possuem os valores e os fins no âmbito da vida e que se dão à consciência com pretensão absoluta. Há uma diferença decisiva entre esse tipo de certeza que se realiza no seio da vida e a certeza das ciências. A certeza obtida nas ciências possui sempre uma ressonância cartesiana: ela é resultado de um método crítico. Este último coloca em dúvida as opiniões transmitidas, a fim de adquirir, através de um novo exame, sua confirmação ou retificação. Fala-se aqui, com muita propriedade, de uma dúvida metódica (GADAMER, 1998, p. 35).

Descartes sinaliza para compreensão através da razão, ele acreditava que este tipo de conhecimento era o mais firme e seguro. Defendia que o conhecimento deveria se assentar sobre uma base sólida, para que assim pudesse ele efetuar-se plenamente. Ora, era preciso duvidar de tudo, para colocar à prova tudo aquilo que estivesse à sua volta, ele afirmava que não se podia duvidar apenas de uma coisa, do pensamento. Gadamer contrapõe este pensamento uma vez que nega a tradição e a história, querendo declarar verídico apenas aquilo que passasse pelo crivo da dúvida metódica.

Por conseguinte, relacionado às ciências do espírito, Lopes (2015, p. 25), salienta que:

---

[3] A verdade, entendida aqui como abertura de sentido (*alétheia*), situa-se no âmbito da compreensão como acontecimento da tradição e contrapõe o significado de subjetividade como senhora de si mesma. Assim, a compreensão de que somos pertencentes à história difere da concepção de que ela nos pertence (LOPES, 2015, p. 22).

> A constatação gadameriana é a de que as *Geisteswissenschaften*, na tentativa de conquistar o seu *status* de cientificidade, buscaram se adequar e submeter ao paradigma da metodologia científica moderna, o que gerou um grande problema, porque o objeto das ciências do espírito se constitui da vida em suas dimensões sócio históricas e culturais.

Gadamer acredita que a metodologia científica moderna é incapaz de ser um único modo de pensar o conhecimento verdadeiro. "E, no propósito de ressignificar a experiência do compreender em sua diretiva ontológica, confere ao fenômeno da compreensão a noção de saber prático; o que só é possível no horizonte da linguagem" (LOPES, 2015, p. 25). Quer dizer, não se analisa a compreensão enquanto processo epistemológico, por outro lado refere-se à maneira do entendimento do ser enquanto eventualidade ontológica e intrínseco à projeção existencial histórica do homem (LOPES, 2015).

## 2.1 Gadamer e o conceito de preconceito

Gadamer orienta que fazendo uma análise do conceito de preconceito (*Vorurteil*), só teremos um viés negativo a partir do Iluminismo (*Aufklarung*). Por sua vez, este recusou a validez dos preconceitos e da autoridade da tradição no processo do entendimento. Estes fundamentos foram vistos apenas como contrariedades à razão com o intento do não conhecimento verdadeiro, que segundo ele, se dava somente por meio da comprovação científica.

Francis Bacon contribuíra para este conceito negativo com a apresentação de seu método, chamado "ídolos da mente"[4], este permite que tenhamos conhecimentos antecipados que nos afastam do caminho racional, pois "a verdade não se deve procurar na boa fortuna de qualquer conjuntura particular do tempo, a qual é incerta, mas na luz da natureza e da experiência, que é eterna" (HEKMAN, 1986, p. 19). Para tanto, o certo seria que os ídolos fossem eliminados e que ficássemos livres do irracional. Hekman (1986, p. 19) afirma que:

> Os ídolos que assediam as mentes humanas desde a aurora da história humana deveriam ser afastados e substituídos pela pura luz da razão. Para Kant, tal significava uma revolta contra a superstição, o preconceito e a ilusão. Significava libertar a mente humana de tudo o que está ligado a um tempo e

[4] Bacon considera que os, "ídolos da mente" não são instrumentos de conhecimento, mas obstáculos ao próprio conhecimento: são "falsas noções "ou "antecipações", isto é, prejuízos. (cf. ABBAGNANO. **Dicionário de Filosofia**, p. 508).

> um espaço particulares que são, como Bacon afirma, incertos. O que é certo e verdade é o que é eterno, isto é, o que está para além da história e da cultura.

Gadamer defende que o Iluminismo entende a autoridade relacionada ao conceito de submissão, "por ter sido incapaz de pensar a finitude, a historicidade em interdependência-dimensões essenciais do existir, sobrepondo a razão monológica e atemporal como fundamento, princípio e autoridade máxima" (LOPES, 2012, p. 4), desse modo, colocando o método como raiz da autoridade.

Gadamer se posiciona contra o Iluminismo justamente por não considerar que o preconceito tenha apenas um viés negativo, mas também positivo, pois não considerá-lo seria um atraso para o entendimento histórico, é necessário que consideremos a alteridade do sentido. Gadamer retomando a historicidade apresenta a seguinte definição de preconceito:

> Em si mesmo, "preconceito" *(Vorurteil)* quer dizer um juízo *(Urteil)* que se forma antes do exame definitivo de todos os momentos determinantes segundo a coisa em questão. No procedimento da jurisprudência um preconceito é uma pré-decisão jurídica, antes de ser baixada a sentença definitiva. Para aquele que participa da disputa judicial, um preconceito desse tipo representa evidentemente uma redução de suas chances. Por isso, *préjudice*, em francês, tal como *praeiudicium*, significa também simplesmente prejuízo, desvantagem, dano. Não obstante, essa negatividade é apenas secundária. A consequência negativa repousa justamente na validez positiva, no valor prejudicial de uma pré-decisão, tal qual o de qualquer precedente (GADAMER, 2015, p. 360).

Gadamer vincula o conceito de preconceito ao de autoridade e ao de tradição, o que ele não permite é reduzir a concepção de preconceito. Referente a isso, SILVA afirma que:

> Gadamer aceita a vinculação iluminista do preconceito às ideias de autoridade e tradição. Considera, aliás, o preconceito, a traça de uma relação de alteridade fundamental. Inconformado, no entanto, com o sentido puramente negativo do termo, defende que esta alteridade não deve ser pura e simplesmente afastada como sinal de sujeição ou heteronomia (SILVA, 1999, p. 347).

O conceito de preconceito herdará seu matiz negativo com a chegada do iluminismo, com a supervalorização do racional. Gadamer atesta isso quando diz que "o termo alemão *Vorurteil* (preconceito) – assim como o termo francês *préjugé* mas de modo ainda mais pregnante – parece ter sido restringido, pela *Aufklarung* e sua crítica religiosa, ao significado de 'juízo não fundamentado'" (GADAMER, 2015, p. 360).

Gadamer se situa contra o iluminismo, o positivismo e as teorias reducionistas do ser humano, uma vez que estas entendem o homem como um objeto e esquecem que este é

constituído de uma história e formado por tradições, isto é, um ser histórico e que carrega consigo uma rica experiência. A reação de Gadamer contra as teorias objetivistas resultou no seu grande destaque no campo hermenêutico, isso por que o ser humano para Gadamer é essencialmente hermenêutico, uma vez que, ele está sempre interpretando o mundo, o outro e a si mesmo.

Gadamer afirma que o homem como 'ser no mundo' é influenciado por uma determinada cultura, e aqui consideramos que cada nação, cada povo tem sua própria cultura, ou seja, seus costumes que são trazidos a gerações. Nesse sentido, Gadamer sinaliza o conceito ou o acontecer do preconceito no mundo da vida, visto que, quando o homem se apercebe em suas pré-disposições e pré-contribuições ele transforma o mundo, o outro e o seu eu. O iluminismo se posiciona justamente contra este pensamento, afirmando que o preconceito não passa de uma ideia precipitada de algo, da coisa, do mundo. Para ele o preconceito ofusca a razão, que até então é defendida como a única capaz de mostrar a verdade. Por outro lado, Gadamer acredita que o preconceito é essencial para o ser humano, faz isso retomando o conceito heideggeriano de Dasein. Consideramos que este Dasein de encontro com o mundo, com os costumes, com a cultura logo se insere e forma sua própria cultura, seus próprios costumes, despertando assim sua consciência pessoal (GADAMER, 2015).

O hermeneuta defende a significação positiva de preconceito afirmando que o "preconceito não significa pois, de modo algum, falso juízo, uma vez que seu conceito permite que ele possa ser valorizado positiva ou negativamente" (GADAMER, 2015, p. 360). Gadamer faz isso relacionando "o parentesco com o *praeiudicium* latino, fazendo com que junto ao matiz negativo da palavra possa haver também um matiz positivo. Existem *préjuges legitimes.* Evidentemente isso passa muito distante dos sensores de nossa língua atual" (GADAMER, 2015, p. 360-361).

Gadamer propõe uma reabilitação da autoridade da tradição, pois, considera que a reabilitação seria um ato de justiça, de lei, de direito, uma vez que o descrédito à palavra preconceito limita a verdade da coisa, limitando a própria realidade histórica. Ele entende que a palavra preconceito denota sentido de pré-compreensão, de pré-juízo, transmitida através da história. Dessa maneira, o homem como ser histórico, se compreende no mundo e na realidade histórica, jamais fora do mundo e de uma situação, conquanto, "os preconceitos de um indivíduo são, muito mais que seus juízos, a realidade histórica de seu ser" (GADAMER, 2015, p. 368). Dessa maneira, Gadamer critica a ciência moderna por ser teórica e metódica, como contraponto ao seu novo paradigma de verdade que é o da redefinição do conhecimento pela

experiência efeitual que comporta a compreensão através de preconceitos positivos e não apenas negativo, como justifica o iluminismo.

O Iluminismo desconsidera a tradição pelo simples fato desta pertencer ao conceito de preconceito. Eles atestavam que se a tradição não passasse pelo crivo da ciência, logo seria desconsiderada, pois não transmite um conhecimento seguro. A tradição para Gadamer possibilita o conhecimento do mundo, do outro e de si. Segundo ele, para nós nos conhecermos precisamos rapidamente acessar nossa tradição e lá perceber quem somos, quais os nossos costumes e crenças. Um exemplo bem prático seria a historicidade do homem, que através das suas experiências transforma o mundo.

Por conseguinte, o que diferencia o pensar gadameriano do preconceito pensado pelo Iluminismo é o rejeitar o limite humano, chegando a calá-lo como se ele fosse uma marionete e não pudesse expressar seus pensamentos como pessoas livres e conscientes de seus atos. Gadamer no entanto, reabilita esse preconceito positivamente afirmando que é necessário que o homem como ser no mundo, seja capaz de ter e expressar seus conhecimentos antecipados sobre o mundo e ele mesmo, ou seja, pré-conceitos, pré-juízos.

Gadamer objetiva desenvolver positivamente uma teoria dos preconceitos que outrora fora desenvolvida pela *Aufklarung* de maneira negativa e crítica. Para isso, ele considera a divisão dos preconceitos de autoridade e de precipitação. "A precipitação é a verdadeira fonte de equívocos que induz ao erro no uso da própria razão. Importa combatermos a falsa e prévia aceitação do antigo, das autoridades" (GADAMER, 2015, p. 368). No entanto,

> não há dúvida de que a verdadeira consequência da *Aufklarung* é outra, ou seja, a submissão de toda a autoridade à razão. Assim, o preconceito da precipitação deve ser entendido ao modo de Descartes, ou seja, como fonte de todo erro no uso da razão. Concorda com isso o fato de que a velha divisão retorna com um sentido alterado, após a vitória da *Aufklarung,* quando a hermenêutica se liberta de todo vínculo dogmático. É assim, por exemplo, que vemos Scheiermacher divisar duas causas para os mal-entendidos: a sujeição e a precipitação. Ao lado dos preconceitos constantes que procedem das sujeições a que estamos submetidos, ele coloca os juízos momentâneos equivocados, devidos à precipitação (GADAMER, 2015, p. 369).

Portanto, o que Gadamer pretende é que não tenhamos em mente somente o viés negativo da palavra preconceito, mas também o positivo que abarca todo a racionalidade humana em suas mais diversas formas de pensar e de abordar o conhecimento. É importante considerar que o homem é um ser histórico e que ele vive uma tradição que sugere costumes e crenças. O escopo é que o homem tenha um diálogo autêntico consigo, com o mundo e com o outro.

# 3 A RELEVÂNCIA DA PRECOMPREENSÃO PARA A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA

Quando Gadamer resgata a precompreensão em sua hermenêutica filosófica também reabilita o conceito de preconceito cujo sentido é considerado negativo para a ciência moderna. Ora, dar crédito à precompreensão é, em outras palavras, resgatar a tradição ou o mundo da vida, realidade linguística gestada pela experiência, não a experiência científica, mas a experiência da vida. Isso, na verdade, é iniciado por Heidegger que, no contexto da história da hermenêutica, confere relevância para precompreensão a partir de sua fenomenologia hermenêutica, para a qual compreender é entender antecipadamente.

## 3.1 A importância da história efeitual para a compreensão

Segundo Gadamer, para que o sujeito chegue à arte do compreender é necessário que ele tome consciência da dualidade que o preconceito lhe atribui, a mistura entre familiaridade e estranheza, e não se dirija à coisa sem examinar a origem e a validade de suas próprias antecipações. Pois é necessário que o indivíduo tenha consciência de sua visão de mundo, de como se constituiu até aquele momento para que, no contato com o texto, este se apresente em sua alteridade, de modo que se torne possível confrontar a verdade do texto com suas opiniões prévias. Todavia, para Gadamer é importante o cuidado ao confrontar um texto e ao interpretá-lo, a fim de que o indivíduo possa evitar mal-entendidos. O meio para que isso ocorra é exatamente a receptividade à alteridade do texto:

> Aquele que quer compreender não pode se entregar, já desde o início, à causalidade de suas próprias opiniões prévias [...] e ignorar [...] a opinião do texto [...]. Quem quer compreender um texto, em princípio, está disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. Por isso uma consciência Hermenêutica tem que se mostrar desde o início receptiva [...] para a alteridade do texto (GADAMER, 2015, p. 358).

O outro do qual fala Gadamer não é uma simples averiguação da alteridade do passado, mas acontece na mútua abertura, na experiência do tu, na linguagem. O pesquisador quando em contato com a alteridade de um texto, não pode deturpar a opinião própria do escritor, todavia daquela leitura deve nascer uma opinião própria acerca do entendimento do assunto. Contudo,

UFPI - Biblioteca
19229 09/12/19

não posso mediante a alteridade de um texto, ficar preso a meus conceitos, mas a partir da experiência, da linguagem, da fala, deixar que o texto me diga algo. Nessa experiência eu tenho que acolher o tu da forma como ele se apresenta, em sua alteridade.

> [...] ela tem um autêntico correlato na experiência do tu. Como vimos, na relação inter-humana o que importa é experimentar o tu realmente como tu, isto é, não passar ao largo de suas pretensões e permitir que ele nos diga algo. Para isso é necessário abertura. Mas, por fim, esta abertura não se dá só para aquele a quem permitimos que nos fale. Ao contrário, aquele que em geral permite que se lhe diga algo está aberto de maneira fundamental. Sem essa abertura mútua, tampouco pode existir verdadeiro vínculo humano. A pertença mútua significa sempre e ao mesmo tempo poder ouvir uns aos outros (GADAMER, 2015, p. 471-472).

Ora, esta experiência implica uma mútua abertura, pois proporciona-me um reconhecimento de que devo deixar algo valer em mim contra mim, mesmo que não tenha quem o faça. Dessa maneira, na experiência hermenêutica eu devo compreender a tradição em suas pretensões, no sentido de que ela sempre tem algo nos dizer. Silva nos auxilia na compreensão de Gadamer sobre a receptividade à alteridade quando afirma que:

> O que se exige, é, pois, uma abertura à alteridade do outro, uma consciência dos nossos próprios limites – uma conversação Hermenêutica da razão. Estamos, de fato, já vinculados ao assunto da compreensão, jogados no seu jogo, não de forma evidente e inquestionável. Somos, à partida, uma orientação para a verdade (antecipação da perfeição), mas representamos a sua plena e tranquila posse. A verdade é uma ratoeira – dizia já Kierkegaard – somos por ela agarrados e, quando queremos agarrá-la, ela escapa-se-nos! Encontramo-nos 'já lançados' no jogo histórico do ser e do sentido. Por isso, as condições da nossa própria vinculação à verdade transcendem-se, explica Gadamer (SILVA, 1995, p. 360-361).

Para o hermeneuta quando procuramos compreender um fenômeno histórico a partir da distância histórica que determina nossa situação hermenêutica como um todo, encontramo-nos sempre sob os efeitos dessa história efeitual. Ela determina de antemão o que se nos mostra questionável e se constitui em objeto de investigação. E, cada vez que tomamos o fenômeno imediato como toda a verdade, esquecemos praticamente a metade do que realmente é, ou melhor, esquecemos toda a verdade deste fenômeno (GADAMER, 2015). Para tanto, a consciência da história efeitual é em primeiro lugar consciência da situação hermenêutica. Todavia, o tornar-se consciente de uma situação é uma tarefa que em cada caso se reveste de uma dificuldade própria. Gadamer conceitua "situação" caracterizando-a:

> Pelo fato de não nos encontrarmos diante dela e, portanto, não dispormos de um saber objetivo sobre ela. Nós estamos nela, já nos encontramos sempre numa situação cuja elucidação é tarefa nossa. Essa elucidação jamais poderá ser cumprida por completo. E isso vale também para a situação hermenêutica, isto é, para a situação em que nos encontramos frente à tradição que queremos compreender. Também a elucidação dessa situação, isto é, a reflexão da história efeitual, não pode ser realizada plenamente. Essa impossibilidade porém não é defeito da reflexão, mas faz parte da própria essência do ser histórico que somos. *Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se* (GADAMER, 2015, p. 399). (Grifo do autor)

Para Gadamer todo "saber-se" procede de um elemento histórico prévio, que com Hegel (1770-1831) chamamos de "substância"[5], porque comporta toda opinião e comportamento do sujeito e, com isso, supõe e limita toda possibilidade de compreender uma tradição em sua alteridade histórica (GADAMER, 2015). "A partir disso, a tarefa da hermenêutica filosófica pode ser caracterizada do seguinte modo: deve refazer o caminho da *fenomenologia do espírito*[6] hegeliana, até o ponto em que, em toda subjetividade, se mostre a substancialidade que a determina" (GADAMER, 2015, p. 399).

Paralelo ao conceito de situação, Gadamer desenvolve o conceito do *horizonte*. Ambos são necessários para que o sujeito chegue à compreensão. Temos pois, a ideia de que toda possibilidade de compreender nos conduz para um modo de ver. Este encontra seus limites na situação presente daquele que vê, desta forma Gadamer chega ao conceito de horizonte. Para tanto, esse conceito mostra a vinculação da compreensão à situação e também a possível chance de expansão. Gadamer compreende que o:

> Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto. Aplicando esse conceito à consciência pensante, falamos então da estreiteza do horizonte, da possibilidade de ampliar o horizonte, da abertura de novos horizontes etc (GADAMER, 2015, p. 399).

Uma situação é certa, aquele que não tem um horizonte vê somente a superficialidade, ele não se interessa por ver o que está além, consequentemente valoriza aquilo que está mais próximo, ou mais fácil. Ao contrário, ter horizontes não significa ficar preso ou limitado ao que lhe está próximo, mas poder ver além disso. Para tal desempenho é preciso ousadia, não

---

[5] Definida como aquilo que não é predicável ("dizível") de alguma coisa, nem está presente em alguma coisa como um aspecto ou propriedade dela cf. (Dicionário de Filosofia de Cambridge, 2006, p. 884).

[6] Por sua vez, Hegel chamou de "F. do espírito" a história romanceada da consciência, que, desde suas primeiras aparências sensíveis, consegue aparecer para si mesma em sua verdadeira natureza, como Consciência Infinita ou Universal. Nesse sentido, identifica a F. do espí- rito com o "devir da ciência ou do saber", e nela descobre o caminho através do qual o indivíduo repercorre os graus de formação do Espírito Universal, como figuras já abandonadas ou etapas de um caminho já traçado e aplanado cf. (ABBAGNANO, 1986, p. 438).

podemos nos contentar com o óbvio, é preciso avançar no conhecimento da coisa em si. Aquele que tem horizontes sabe bem como valorizar corretamente o significado de todas as coisas que pertencem ao âmbito do horizonte, isso no que diz respeito à proximidade e distância, grandeza e pequenez. Portanto, a elaboração da situação hermenêutica significa então a obtenção do horizonte de questionamento correto para as questões que se colocam frente à tradição.

Os historicistas do século XIX consideravam que a compreensão abarcava um único horizonte histórico, dessa maneira, Gadamer contraria essa concepção de que o passado deve ser compreendido no horizonte do passado, pelo contrário, devemos considerar os tempos e suas respostas aos fatos (LOPES, 2012). Dessa maneira, podemos compreender a situação histórica de duas maneiras ou sobre dois horizontes, a saber: o horizonte de quem compreende e o horizonte de quem é compreendido. Não entendemos o horizonte como algo concluído, mas sim como algo que está em movimento, em processo. Gadamer (2015, p. 402) evidencia que: "o horizonte é, antes algo no qual trilhamos nosso caminho e que conosco faz caminho", sendo assim, encaminhar-se ao horizonte histórico não significa sujeitar-se às suas regras, mas um aprimoramento no entendimento da coisa. Nesse contexto, acontece o que chamamos de fusão de horizontes: o encontro de quem compreende e de quem ou do que é compreendido. Aqui percebemos a realização da compreensão, que por sua vez se concretiza no contexto histórico.

É importante frisar que quando falamos "de horizontes no âmbito da compreensão histórica, sobretudo quando nos referimos à pretensão da consciência histórica de ver o passado em seu próprio ser, não a partir de nossos padrões e preconceitos contemporâneos, mas a partir de seu próprio horizonte histórico" (GADAMER, 2015, p. 400).

Ocorre, por exemplo, quando nos propomos a dialogar com alguém com o propósito de conhecê-la, a ideia que queremos é apenas a sua posição e horizonte. Segundo Gadamer, esse não pode ser considerado um diálogo autêntico; pois em meio ao diálogo não procuramos um entendimento sobre um tema, mas um conhecimento seguro do outro, um conhecimento de seu horizonte. Relacionado ao conhecer o horizonte do outro Gadamer cita um exemplo prático, comparando uma consulta para exames ou uma consulta médica com a consciência histórica. Segundo ele, a "consciência histórica opera de modo semelhante quando se desloca do passado e supõe ter alcançado assim seu verdadeiro horizonte histórico" (GADAMER, 2015, p. 401). Ora, no diálogo só passamos a compreender as opiniões do outro a partir do momento em que nos encontramos com sua posição e horizonte histórico, sem precisarmos nos entender com ele, de igual modo, para quem pensa com um viés histórico, a tradição se torna compreensível em seu sentido original sem que ele se entenda com ela e sem que se compreenda nela.

Compreendemos que em ambas as ocorrências, a pessoa que procura compreender se coloca a si mesma fora da situação do entendimento. "Ele próprio não é atingível. Na medida em que se insere de antemão também o ponto de partida do outro naquilo que ele procura nos dizer, estamos colocando nosso próprio ponto de partida na segurança de não poder ser atingido" (GADAMER, 2015, p. 401).

Surge, então, uma preocupação se de fato essa descrição de horizonte atinge o fenômeno hermenêutico. Existirão aqui realmente dois horizontes diferentes: o horizonte onde vive quem compreende e o horizonte histórico a que se pretende se deslocar. Será que a arte da compreensão histórica que diz ser necessário aprender a deslocar-se a horizontes alheios é uma descrição correta e suficiente? (GADAMER, 2015).

Um sujeito jamais é sozinho, pois ele está sempre se compreendendo em meio às experiências com os outros. Compreendemos que a modalidade histórica da existência humana não está vinculada a nenhuma posição determinada, nesse sentido não há um horizonte verdadeiramente fechado. Por conseguinte, Gadamer afirma que:

> O horizonte é, antes, algo no qual trilhamos nosso caminho e que conosco faz o caminho. Os horizontes se deslocam ao passo de quem se move. Também o horizonte do passado, do qual vive toda vida humana e que se apresenta sob a forma de tradição, que já está sempre em movimento. Não foi a consciência histórica que colocou inicialmente em movimento o horizonte que tudo engloba. Nela esse movimento não faz mais que tomar consciência de si mesmo (GADAMER 2015, p. 402).

Dessa maneira, Gadamer compreende que o projeto de um horizonte histórico é só uma fase ou um momento na realização da compreensão, e não se prende na auto alienação de uma consciência passada, mas se recupera no próprio horizonte compreensivo do presente. Na realização da compreensão dá-se uma verdadeira fusão de horizontes que, com o projeto do horizonte histórico, leva a cabo simultaneamente sua suspensão. Caracterizamos a realização controlada dessa fusão como vigília da consciência histórico-efeitual (GADAMER, 2015).

### 3.2 Da precompreensão em Heidegger para o compreender em Gadamer

A fenomenologia de Heidegger que é concomitantemente hermenêutica desemboca no sentido próprio da palavra como interpretação. Gadamer, mesmo recebendo grande influência de Martin Heidegger não utilizava a expressão "fenomenologia hermenêutica", mas sim

"hermenêutica filosófica" (SILVA; LOPES, 2014). "Em Ser e Tempo (Sein und Zeit), de 1927, a fenomenologia enquanto via de acesso e verificação do ser dos entes, em suas modificações e sentido, constitui-se como tarefa nuclear de uma ontologia fundamental" (SILVA; LOPES, 2014, p. 7). Desse modo, o termo fenomenologia pode significar: o caráter particular de fenômeno e o caráter universal de logos.

> Trata-se, portanto, de demonstrar um ente tal como ele se mostra em si mesmo, mas considerando aquilo que, por vezes, se mantém velado diante do que imediatamente se manifesta, o ser dos entes. Por isso, o método fenomenológico assume, na orientação heideggeriana, um duplo caráter: o velamento, o oculto, e o desvelamento, a presença (SILVA; LOPES, 2014, p. 7).

Para Heidegger, do ponto de vista do método a descrição fenomenológica é interpretação. "Enquanto interpretação, a hermenêutica constitui-se como condição de possibilidade de uma investigação ontológica, já que fenomenologia do Dasein é hermenêutica na significação primitiva da palavra" (SILVA; LOPES, 2014, p. 7). Dessa maneira, a filosofia no campo ontológico torna-se uma hermenêutica ontológica, quer dizer, uma leitura sobre o entendimento do ser.

Heidegger considera que a hermenêutica está à disposição da compreensão do ser, para isso, toma como ponto de partida aspectos práticos que descrevem os sentidos e as condições do ser humano como ser-no-mundo. Não se quer aqui somente compreender, descrever objetos ou até mesmo as coisas do mundo, mas ter uma compreensão do todo, em sua facticidade (SILVA; LOPES, 2014).

Heidegger discute que a circularidade presume a compreensão e as possibilidades do DASEIN. "Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas na compreensão" (HEIDEGGER, 2000, p. 207). Consequentemente, a compreensão ou interpretação de algo em si, se origina numa posição prévia (HEIDEGGER, 2000). Segundo Lopes (2012, p. 8), Heidegger entende que:

> Toda compreensão apresenta uma estrutura circular, pois é só dentro de uma totalidade já dada de sentido que uma coisa se manifesta como tal, ou seja, como a coisa mesma, e uma vez que toda interpretação, em elaboração da compreensão, se movimenta no campo da concepção prévia, pressupondo-a como condição de sua possibilidade. É assim que toda interpretação, que quer produzir compreensão, deve já ter compreendido o que vai interpretar. Disso resulta, concomitantemente, a estrutura de horizonte da compreensão e interpretação.

Gadamer compreende que o círculo de que fala Heidegger é o círculo da precompreensão no processo hermenêutico. O entendimento do círculo hermenêutico de Heidegger deve ser concluído com a concepção prévia de perfeição, que exprime a compreensão numa unidade completa de sentido (LOPES, 2012). Dessa forma, "A questão da concepção prévia da perfeição de Gadamer está radicada na noção heideggeriana de estrutura antecipatória, em sua fenomenologia Hermenêutica e na sua análise da historicidade da pré-sença" (LOPES, 2012, p. 10). Uma síntese da hermenêutica de Heidegger seria:

> Em suma, esse constante reprojetar de novo é o que perfaz o movimento semântico de compreender e de interpretar. Quem procura compreender está sujeito a errar por causa das opiniões prévias, que não se confirmam nas coisas elas mesmas. Aqui não há outra 'objetividade' além da elaboração da opinião prévia a ser confirmada. Faz sentido afirmar que o intérprete não vá diretamente ao 'texto' a partir da opinião prévia pronta e instalada nele. Ao contrário, põe à prova, de maneira expressa, a opinião prévia instalada nele a fim de provocar sua legitimidade, o que significa sua origem e sua validade (GADAMER, 2002, p. 75).

Antes de tudo, o termo compreender denota o entendimento da coisa, e depois do compreender a opinião do outro como tal. Por isso, que a precompreensão deve ser a predecessora de todas as condições na hermenêutica (LOPES, 2012). Gadamer expressa isso quando diz que: "a hermenêutica deve partir do fato de que quem quer compreender está ligado à coisa que vem à fala na tradição, mantendo ou adquirindo um vínculo com a tradição a partir de onde fala o texto transmitido" (GADAMER, 2002, p. 79). Dessa maneira, Gadamer explica o conceito de coisa da seguinte forma:

> O conceito de coisa (sache) não traduz apenas o conceito latino de res; a palavra alemã Sache (coisa) e seu significado assumem sobretudo o que expressa a palavra latina causa. No uso da língua alemã, a palavra sache, significa em primeiro lugar causa, isto é, a coisa (Sache) litigada, que está em questão. Originalmente é coisa que se coloca no centro entre as partes litigantes, porque ainda não se tendo sentenciado sobre ela há que se tomar uma decisão. A coisa precisa ser protegida contra a apoderação particular de uma ou de outra parte. Nesse contexto, objetivamente significa o oposto, a particularidade, isto é, o contrário do abuso do direito para fins particulares [...] aqui, portanto, a natureza da coisa (Sache) é algo que se faz valer, algo que temos que respeitar (GADAMER, 2002, p. 83-84).

Gadamer fala do entendimento do conteúdo de um texto como uma hipótese a partir das perspectivas de sentido que se originam na relação com a verdade do que se tem compreensão. Ora:

> Quem recebe uma carta compreende suas notícias vendo imediatamente as coisas como as viu o remetente, ou seja, considera verdadeiro o que o outro escreveu, sem procurar por exemplo, a opinião do remetente sobre o assunto. Assim também nós compreendemos os textos transmitidos a partir de expectativas de sentido, extraídas de nossa própria relação para com a coisa [...] Frente a um texto que nos é transmitido, estamos fundamentalmente abertos à possibilidade de que ele está melhor informado do que a nossa opinião prévia o pretenderia (GADAMER, 2002, p. 78).

A hipótese da qual fala Gadamer é a precompreensão do compreender numa totalidade completa do sentido. Dessa maneira, o preconceito implica que um texto deve expressar plenamente sua opinião em sua alteridade.

Hekman assegura que na obra *Verdade e Método*, Gadamer destaca três elementos que são importantes para Heidegger e que contribuem significativamente para a sua teoria da compreensão Hermenêutica:

> Em primeiro lugar, ao utilizar a descoberta de Heidegger de que o horizonte do ser é o tempo [...]. Esta perspectiva torna-se a base do que Gadamer chama a 'Hermenêutica da facticidade' [...] O segundo elemento [...] é o seu conceito de 'estrutura de antecipação' da compreensão. Este elemento é a base do conceito de preconceito de Gadamer, a pedra de toque de sua abordagem particular da hermenêutica. [...] O terceiro elemento é a sua concepção do círculo hermenêutico (HEKMAN, 1986, p. 151).

Para Gadamer, a mudança que Heidegger analisa é a questão da compreensão histórica no contexto das ciências do espírito e da natureza e entende a compreensão como realização da pré-sença que é ser-no-mundo. De tal modo, esta compreensão é o modo de ser da pré-sença na medida em que pode ser (GADAMER, 2015). O homem como ser no mundo projeta o mundo de acordo com o horizonte de sua compreensão. Dessa maneira, todo entendimento de alguma coisa ou de um estado de coisas exige, como possibilidade, o todo de um contexto de sentido. A compreensão é, portanto, um estável projetar que realiza o movimento do sentido do compreender e do interpretar. Gadamer, entende que:

> Quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete prelineia um sentido do todo. Naturalmente que o sentido somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas expectativas de um sentido determinado. A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração desse projeto prévio, que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido (GADAMER, 2015, p. 356).

Gadamer, acredita que quem procura compreender está exposto a erros de opiniões antecipadas que não condizem com o real da coisa. Dessa forma, elaborar pensamentos adequados às coisas, que só podem ser confirmadas em contato com a coisa em si, conclama para a realização da compreensão. A compreensão só ganha sentido verídico quando as opiniões prévias não são arbitrárias (GADAMER, 2015). "Por isso, faz sentido que o intérprete não se dirija diretamente aos textos a partir da opinião prévia que lhe é própria, mas examine expressamente essas opiniões quanto à sua legitimação, ou seja, quanto à sua origem e validez" (GADAMER, 2015, p. 356).

### 3.3 Da distância temporal para a experiência hermenêutica

Para Gadamer, a distância temporal e a explicitação do seu entendimento é o trajeto para se chegar à tarefa crítica da hermenêutica, quer dizer, identificar os preconceitos que ofuscam daqueles preconceitos que iluminam, os preconceitos falsos dos verdadeiros (GADAMER, 1998). "Deve-se livrar a compreensão dos preconceitos que a dirigem, permitindo assim que as "perspectivas outras" da tradição se manifestem, o que vem assegurar a possibilidade de qualquer coisa ser compreendida como outra" (GADAMER, 1998, p. 68).

A diferença entre preconceitos úteis e preconceitos ociosos deve se dar na própria compreensão, através da fala, pois a compreensão começa quando temos em mente um questionamento, exigindo dessa maneira, a interrupção por completa dos preconceitos. Gadamer acredita que é através da distância temporal que temos a oportunidade de compreender a perspectiva positiva do preconceito com a verdade. "Trata-se, na verdade de considerar a distância temporal como fundamento de uma possibilidade positiva e produtiva de compreensão [...] isto é, uma luz à qual tudo o que trazemos conosco de nosso passado, tudo o que nos é transmitido faz a sua aparição" (GADAMER, 1998, p. 67-68).

Gadamer admite que o que era visto como uma barreira para compreensão, pelo historicismo, é o fator originário para uma compreensão positiva. Ele entende que a distância é o único trajeto para se chegar ao verdadeiro sentido da coisa. Dessa maneira, a compreensão apropria-se de uma natureza infinita, pois trata-se de um processo contínuo (LOPES, 2014). Para Silva e Lopes, a distância temporal propicia filtragem, de modo que:

> Continuamente vão se eliminando os erros as distorções e vão surgindo novas fontes de compreensão. A filtragem proporcionada pela distância encarrega-se, do lado negativo, de fazer os preconceitos falsos desaparecerem; do lado positivo, de realçar, de trazer à tona os preconceitos que levam à compreensão

> correta – é assim que a distância de tempo possibilita distinguir os preconceitos (SILVA; LOPES, 2014, p. 13).

Qual o impulso originário para hermenêutica e qual a relação entre preconceito e tradição? Como já vimos, a condição originária para a hermenêutica é a precompreensão, tendo a distância de tempo como fator positivo, visto que ela oportuniza a retirada dos preconceitos, dos mal-entendidos (SILVA; LOPES, 2014). Gadamer compreende que:

> Manter-se numa visão particular (preconceito) sem ampliá-la para um contexto no qual se está inserido, é confinar-se a uma tradição fechada sobre si mesmo. Como tradição, em sua etimologia, do verbo latino *tradere*, significa, *levar adiante, trans-portar, trans-mitir, deixar em herança,* o fechamento contraria seu significado (SILVA; LOPES, 2014, p, 13).

Gadamer considera que existe uma diferença de tempo insuperável entre intérprete e escritor, uma vez que, compreende-se um texto em seu contexto, em sua época, de modo singular, isto é, baseado em seus próprios interesses. Dessa maneira, o sentido original de um texto não depende do que o autor quis expressar publicamente, mas do significativo encontro do intérprete com o texto (LOPES, 2012). Gadamer (1998, p. 57) entende que estando "diante de um texto, por exemplo, o intérprete não procura aplicar um critério geral a um caso particular: ele se interessa, ao contrário, pelo significado fundamentalmente original do escrito de que se ocupa".

A arte de interpretar exige muito de quem a pratica, por exemplo, quando o intérprete compreende um texto, além do que o escritor havia pensado, consequentemente excedendo ao planejado, de tal modo a compreensão não é um acontecer reprodutivo, mas sim produtivo. Schleiermacher contraria este pensamento afirmando que o intérprete pode entender um texto melhor do que se imagina. "É contra isso, que Gadamer defende, pela compreensão produtiva, que não se trata de compreender melhor o autor, mas trata-se, conquanto de compreender diferente" (LOPES, 2012, p. 14). Por isso, Gadamer (2015, p. 392) afirma que: "quando se logra compreender, compreende-se de modo diferente".

Dessa maneira, temos uma compreensão hermenêutica que relata a verdade da coisa; que comprova um texto em sua intenção de verdade e que foi readquirida por Heidegger (LOPES, 2012). Gadamer afirma que:

> [...] a distância de tempo em sua produtividade só pôde ser pensada a partir da mudança de rumo ontológico que Heidegger deu à compreensão como um

> 'existencial' e a partir da interpretação temporal que aplicou ao modo de ser da pré-sença (GADAMER, 2015, p. 393).

Para o hermeneuta a interpretação está inerentemente ligada à tradição, dessa maneira Gadamer afirma que uma compreensão formada, hermeneuticamente, entende também a consciência histórica, uma vez que:

> Entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião [...] A consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativo que lhe são próprios. Esse comportamento reflexivo diante da tradição chama-se interpretação. [...] Falamos de interpretação quando o significado de um texto não é compreendido de imediato [...] o sentido daquilo que se oferece à nossa interpretação não se revela sem mediação, e que é necessário olhar para além do sentido imediato a fim de descobrir o "verdadeiro" significado que se encontra escondido (GADAMER, 1998, p. 18-19).

O intuito de Gadamer é que mesmo utilizando de conhecimentos gerais, primeiramente, devemos compreender um fato histórico em sua singularidade, em sua particularidade, pois: "o que interessa ao conhecimento histórico não é saber como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem em geral, mas, ao contrário, como este homem, este povo, este Estado veio a ser o que é, como todas essas coisas puderam acontecer e encontram-se aí" (GADAMER, 1998, p. 23-24).

Desse modo, a distância temporal contribui para a compreensão de que o tempo se incube de ir suprimindo os preconceitos que causam os mal-entendidos. Apesar disso, são irrelevantes quando conduzem a compreensão a singularidades, evitando a consciência histórica. A consciência histórica por um viés positivo é o fio condutor para a relação entre preconceito e tradição. Dessa maneira, Gadamer (2015, p. 395) afirma que a consciência histórica "tomará consciência dos próprios preconceitos que guiam a compreensão para que a tradição se destaque e ganhe validade como uma opinião distinta".

Gadamer entende que a atribuição da hermenêutica histórica na precompreensão se dá pelo conceito de consciência histórica, inerentemente unido ao de distância temporal, uma vez que:

> uma obra ou uma tradição tiver de sair do lusco-fusco em que se encontra entre tradição e historiografia para o claro e aberto do seu real significado. Essa sim é de fato uma nova exigência, não à investigação mas à sua consciência

> metodológica- que se impõe a partir da reflexão rigorosa da consciência histórica (GADAMER, 2015, p. 397).

O propósito de Gadamer é que compreendamos que a consciência histórica tem que ter consciência de que quando almejamos entender um fenômeno histórico mediante a distância temporal, nos encontramos permanentemente envolvidos pelos fatos dessa história (LOPES, 2012). Dessa maneira, para Gadamer a consciência da importância da história dos efeitos no procedimento da interpretação é parte inerente da compreensão, pois "a consciência histórico-efeitual é ainda, um momento da realização da própria compreensão" (GADAMER, 2015, p. 398).

A experiência hermenêutica é uma experiência da finitude humana. O ser humano reconhece esta experiência na finitude da vida, ou seja, no decorrer de suas ações cotidianas e de maneira consciente. Este fazer acontecer da experiência permite ao homem reconhecer aquilo que é real e confirmar a finitude que é ele mesmo, nesse contexto o homem reconhece suas limitações e percebe que não pode controlar o mundo, muito menos o tempo (GADAMER, 2015). Por isso que em Gadamer:

> A verdadeira experiência é aquela em que o homem se torna consciente de sua finitude. Nela encontram seu limite o poder fazer e a autoconsciência de uma razão planificadora. É então que se desvela como pura ficção a ideia de que se pudesse anular tudo e de que de um modo ou outro tudo acabaria retornando (GADAMER apud ROHDEN, 2005, p. 95).

Portanto, o homem como ser atuante e experiente na história, percebe que não é possível realizar duas vezes a mesma experiência, há sempre algo de novo em cada fazer acontecer. Toda verdadeira experiência é, pois, única e em razão disso, histórica. A verdadeira experiência é assim a experiência da própria historicidade, cada momento exige um conhecer, um experienciar e um compreender.

# 4 O HORIZONTE DIALÓGICO DA COMPREENSÃO

Nos capítulos anteriores aprofundamos nosso estudo acerca do entendimento gadameriano sobre a crítica à ciência e a reabilitação dos preconceitos no propósito de destacarmos a relevância da pré-compreensão para a reflexão sobre a experiência hermenêutica e o horizonte dialógico da compreensão.

Uma questão que se coloca é a compreensão que acontece mediante o diálogo. É possível que, pelo diálogo, os mal-entendidos sejam esclarecidos?

A hermenêutica de Gadamer é uma hermenêutica da facticidade, enquanto tal, defende a compreensão que é também pré-compreensão, entendimento humano sobre a vida, o mundo, o outro. Eis porque a discussão sobre pré-compreensão é de fundamental importância. Para isso discutiremos como o horizonte dialógico pode ser compreendido e de que forma ele se apresenta em sua alteridade.

## 4.1 A incapacidade para o diálogo

Quando nos reportamos a obra *"Verdade e Método I"* em que Gadamer nos conduz a refletir acerca de alguns questionamentos: em meio aos conflitos interpessoais, a arte não está desaparecendo? Na vida social de nossa época não estamos assistindo a uma monologização crescente do comportamento humano? Será um fenômeno típico de nossa civilização que acompanha o modo de pensar técnico-cientifico? Ou será que experiências específicas de auto alienação e de isolamento presentes no mundo moderno é que fazem os mais jovens ou os mais críticos se calarem? Ou será ainda que o que se tem chamado de incapacidade para o diálogo não é propriamente a decisão de recusar a vontade de entendimento e uma mordaz rebelião contra o pseudo entendimento dominante na vida pública? A partir disso ele explicita sua preocupação com a "incapacidade para o diálogo" presente na modernidade.

Gadamer considera que a arte ou capacidade de poder dialogar é uma qualidade natural do ser humano. O homem é um ser para linguagem, nela ele se manifesta e se apresenta tal como é, dessa maneira a linguagem apenas se dá no diálogo. "Mesmo que a linguagem possa ser codificada e encontrar uma relativa fixação no dicionário, na gramática, na literatura, sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuramento até as

elevadas formas estilísticas da arte literária, tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os seus interlocutores" (GADAMER, 2002, p. 243).

De acordo com o hermeneuta o diálogo exerce diversas funções entre os homens. Talvez um exemplo nos seja necessário para esclarecer o fator responsável pela diminuição do diálogo. A conversa telefônica seria um exemplo bem prático, tendo em vista que tornou-se corriqueiro longas conversas pelo telefone, várias mensagens ao dia e não nos damos conta do empobrecimento comunicativo que se dá na convivência com as pessoas que se encontram ao nosso lado (GADAMER, 2002). Talvez as redes sociais aliviem as carências de muitas pessoas, pois só o fato de terem várias pessoas online e que correspondam às suas mensagens já se sintam completas, a curtida ou o compartilhamento de uma foto é motivo de festa. O fato é que as pessoas em sua grande maioria os jovens, preferem o contato virtual ao contato presencial, quem sabe pela comodidade. Gadamer (2002, p. 244) acredita que a questão da incapacidade para o diálogo refere-se:

> Antes, à possibilidade de alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente. Aqui a experiência da conversa telefônica serve de documentação como o negativo de uma foto. Ao telefone quase não é possível ouvir a disposição de abertura do outro para entrar em diálogo. Também não é possível a experiência da aproximação mútua, onde cada um vai adentrando, passo a passo, o diálogo, chegando a ficar de tal modo imbuídos do diálogo que a comunhão surgida já não pode ser rompida. Caracterizei a conversa telefônica como o negativo de uma foto, pois a aproximação artificial criada pelo fio telefônico quebra imperceptivelmente justamente a esfera do fato e da escuta, em que as pessoas podem aproximar-se. Toda chamada telefônica traz consigo algo da brutalidade do molestar e ser molestado, mesmo quando se assegura que a chamada foi motivo de alegria.

Desse modo, em nossa comparação apresentamos algumas condições para um verdadeiro diálogo, para que esse possa corresponder às expectativas dos indivíduos e quais as contrariedades que criam empecilhos para o diálogo na era moderna. Na sociedade contemporânea, qual seria o fator principal para a incapacidade do diálogo? Talvez a individualidade seja um fator incisivo para esta incapacidade de escuta do outro, uma vez que o escutar o outro também não é fácil, pois esta atividade implica de nós uma abertura muito grande para com a pessoa do outro. O dialogar é uma experiência de risco, porque implica a escuta do outro, ainda mais em uma sociedade subjetivista que pensa muito mais na realização do eu do que do nós. Uma exigência fundamental para concretização do diálogo hermenêutico é a atitude que os parceiros devem exercer em acolhimento à palavra do outro. É fato que na conversação uma palavra só ganha sentido quando encontra confirmação ou aprovação nas

palavras do outro. Escutar significa acolher, receber, procurar, captar o que o outro diz a qualquer momento. Escutar significa abrir-se ao outro, entendê-lo em seu horizonte e reconhecer a própria disposição de acolher (ou não) um argumento diferente do seu. Não é que eu anule a minha ideia sobre algo, mas é que eu preciso compreender a ideia e o horizonte do outro tal qual.

Gadamer afirma que futuramente o livro e o jornal se tornarão meios de comunicação do passado, quanto mais os ensinamentos que procedem de encontros humanos, de igual modo a conversa à porta com os vizinhos, os grupos de amigos que combinam uma saída, enfim o contato próximo com outro. Na história da humanidade temos algumas pessoas que são destaque no mundo do diálogo, são eles: Buda, Jesus e Sócrates (GADAMER, 2002). "Observamos os seus diálogos. Mas esses textos são transcrições feitas por outros, que não conseguem conservar e reproduzir o verdadeiro carisma do diálogo, apenas presente na espontaneidade viva da pergunta e resposta, no dizer e deixar-se dizer" (GADAMER, 2002, p. 244). Conforme a lógica da pergunta e da resposta entendemos um texto quando esclarecemos suas perguntas e suas respectivas respostas. Entretanto, não é tarefa da filosofia apenas reconstruir perguntas e respostas que deram origem a um texto, mas à luz dos novos tempos dar uma roupagem nova, claro não esquecendo a historicidade.

Gadamer assevera de que é importante nos orientarmos por outro fenômeno análogo. A incapacidade para o diálogo não é o único fenômeno comunicativo que está em desaparecimento na sociedade contemporânea,

> De há muito tempo nos damos conta do desaparecimento da carta e da correspondência. Os grandes escritores epistolares do séc. XVII e XVIII são coisas do passado. A época da diligência, quando se respondia ao outro com uma missiva pelo correio – literalmente falando, a missiva da diligência -, prestava-se mais a essa forma de comunicação de que a época técnica da quase simultaneidade de pergunta e resposta, caracterizada pela conversa telefônica. A carta tornou-se um meio de informação retrógrado (GADAMER, 2002, p. 245).

De fato, pouco ouvimos comentar do envio ou recebimento de carta, talvez este tipo de comunicação tenha ficado no passado ou quem ainda o utilize seja tachado de retrógrado, uma vez que o e-mail pode resolver com facilidade e agilidade. O fato é que a carta é portadora de uma bela poesia, tanto no transmitir por meio de palavras um sentimento, uma notícia, uma convocação, como da resposta que o remetente aguarda com ansiedade.

Para o hermeneuta no contexto filosófico, a arte do diálogo, sobretudo aquela forma específica do diálogo entre duas pessoas, está em constante desaparecimento. A monologização

do pensamento filosófico teve seu apogeu sobretudo na época romântica e seu renascimento no século XX. Friedrich Schleimacher e Friedrich Schlegel (1772-1829), considerados mestres do diálogo pensavam filosoficamente por uma dialética que atribuía ao modelo platônico de diálogo, cuja o intuito era a busca da verdade (GADAMER, 2002). Portanto, é fácil perceber em que consiste essa primazia:

> Quando duas pessoas se encontram e trocam experiências trata-se sempre do encontro entre dois mundos, duas visões e duas imagens de mundo. Não é a mesma visão a respeito do mesmo mundo, como tenta comunicar o pensamento dos grandes pensadores com seu esforço conceitual e a elaboração de suas teorias. O próprio Platão não comunicou sua filosofia simplesmente em diálogos escritos em reconhecimento ao mestre do diálogo, Sócrates. Viu ali um princípio da verdade, segundo o qual a palavra só encontra confirmação pela recepção e aprovação do outro e que o pensamento que não viesse acompanhado do pensamento do outro seria inconsequente e sem força vinculante (GADAMER, 2002, p. 246).

Gadamer considera que o diálogo é aquele momento que marca nossa vida, do qual temos lembranças pois ficaram cravadas em nossa história; daí porque o diálogo possui uma força transformadora. O que orienta um verdadeiro diálogo não é uma nova experiência, mas o fato de termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nós mesmos ou em uma experiência de mundo.

> Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou. O diálogo possui, assim, uma grande proximidade com a amizade. É só no diálogo (e no "rir juntos", que funciona como um entendimento tácito transbordante) que os amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmo no outro (GADAMER, 2002, p. 247).

Para Gadamer, o diálogo é bem familiar com a amizade, pois através do diálogo os amigos compartilham o acontecer da vida, e quando há abertura, há também a troca de experiências, aprendizado possibilitando o autoconhecimento. No espaço dialógico dos amigos há espaço para festas, mas também para tristezas, por isso, a atitude atenta de sempre colocar-se a disposição de escuta um do outro. A amizade é portanto o lugar de maturação da qual exige presença, escuta e fala. É interessante como um amigo conhece mais o outro que o psicólogo um paciente, pois o amigo adentra na vida do outro, o psicólogo usa apenas de métodos aproximados para conhecer o caso do seu paciente. É possível ainda perceber na pupila do

amigo a imagem do meu eu, tal fato só acontece quando uma amizade apresenta alteridade, escuta e reciprocidade.

Devemos também considerar diversas formas de diálogo que ocorrem em nossa vida, e que de certa forma estão ameaçados como vimos acima. Gadamer exemplifica três tipos: O diálogo pedagógico, o diálogo de negociação e o diálogo terapêutico. Referente ao primeiro consideramos que este implica um grande grau de incapacidade para o diálogo. "O diálogo entre professor e alunos é certamente uma das formas mais primitivas de experiência de diálogo, e aqueles carismáticos do diálogo de que falamos acima são todos mestres e professores que ensinam seus discípulos ou alunos através do diálogo" (GADAMER, 2002, p. 248). Segundo ele, a dificuldade está no professor, este por sua vez, deve manter firme a capacidade para o diálogo, na qual a maioria não consegue. "Aquele que tem que ensinar acredita dever e poder falar, e quanto mais consistente e articulado por sua fala, tanto mais imagina estar se comunicando com seus alunos" (GADAMER, 2002, p. 248). Decerto, a quantidade de estudantes seja um contribuinte para a incapacidade do diálogo, de modo que o professor não consegue atingir todos os estudantes da mesma forma ou ao mesmo tempo. Ou talvez ainda, o professor tenha uma postura tradicional de que os alunos apenas são receptores do conhecimento e não construtores, privando-os assim do diálogo em sala de aula que visaria uma compreensão do conteúdo. A sala de aula deve ser o lugar do diálogo. Somos cidadãos do diálogo. Para tanto, é necessário a recuperação daquilo que é comum, não podemos ficar na individualidade, somos comunidade, somos conjunto, o homem na sua essência é um ser para o outro.

O segundo é o diálogo de negociação, este trata das negociações entre parceiros comerciantes ou até negociações políticas que não visam a comunicação mútua entre as pessoas. "Quando logra êxito, o diálogo produz também aqui um equilíbrio, e essa é sua verdadeira definição" (GADAMER, 2002, p. 249). Dessa maneira, as pessoas que conseguem chegar a um equilíbrio não são atingidas como pessoas, mas como gestor dos interesses partidários que representam. Decerto, que a pressuposição básica é que saibamos compreender o outro como outro. Dessa maneira, no diálogo de negociação percebemos a definição geral da palavra diálogo, pois uma vez que se pretende dialogar, antes é preciso ouvir. "O encontro com o outro eleva-se assim acima da própria limitação, mesmo onde o que está em questão são apenas dólares ou interesses de poder" (GADAMER, 2002, p. 248).

Terceiro e último exemplo é o diálogo terapêutico, este tem grande exercício na práxis psicanalista, de tal forma que muito contribui para este tema. Percebemos isso, partindo do

pressuposto de que a incapacidade para o diálogo é justamente o meio ou a recuperação para o diálogo autêntico. Gadamer (2002, p. 249-450) observa que o que:

> Constitui a perturbação patológica, que acaba tirando o poder de ação do paciente, é o fato de os delírios de imaginação terem interrompido a comunicação com o mundo circuncidante. O doente está tão imbuído dessas ideias, alimenta de tal modo suas ideias patológicas, que já não consegue ouvir a linguagem dos outros. Mas é justo o fato dele já não suportar essa cisão da comunidade natural do diálogo com os homens que vai lhe dar consciência de sua doença e levá-lo por fim a procurar o médico. [...] O que há de especial no diálogo da cura psicanalítica é que a incapacidade para o diálogo, enquanto o que constitui a verdadeira enfermidade, só pode começar a ser curada pelo diálogo.

Interessante que é mais fácil apontarmos a dificuldade de convivência na pessoa do "outro", o "eu" nunca está errado, sempre o "outro" é o incapaz de conviver. Chagamos ao ponto de dizer: "com você não se pode conversar!" ou "você é de difícil convivência!". Gadamer acentua que o "outro" sente-se amargurado, incompreendido, fechando-se ao seu mundo (GADAMER, 2002). "Nesse sentido, "incapacidade para dialogar", é em última instância sempre o diagnóstico de alguém que não se presta ao diálogo e não consegue entrar em diálogo com o outro. A incapacidade do outro é sempre também a própria incapacidade" (GADAMER, 2002, p. 250).

O hermeneuta considera que a incapacidade para o diálogo pode ser vista de duas maneiras, de modo subjetivo e objetivo. Subjetivo no que diz respeito à incapacidade para ouvir e objetiva levando em consideração que não se tem uma linguagem comum (GADAMER, 2002). Para ele a:

> Incapacidade para ouvir é um fenômeno tão conhecido que não é preciso imaginar outros indivíduos que possuíssem essa incapacidade em grau especial. Experimentamo-la em nós mesmos, sempre que fazemos ouvidos de mercador ou ouvimos erroneamente. E não será realmente uma das nossas experiências humanas fundamentais esse de não percebermos no tempo certo o que não está acontecendo com o outro, ou então de nosso ouvido não ser suficientemente afinado a ponto de "ouvir" a mudez e o endurecimento do outro? (GADAMER, 2002, p. 251).

Acreditamos que aquele que só escuta a si mesmo, que possui os ouvidos tão cheios de si, buscando interesses próprios, não consegue escutar e atender às necessidades do outro. Gadamer insiste "que em maior ou menor grau, esse é um traço essencial de todos nós. Apesar

disso, a capacidade constante de voltar ao diálogo, isto é, de ouvir o outro, parece-me ser a verdadeira elevação do homem a sua humanidade" (GADAMER, 2002, p. 251).

Gadamer cita um exemplo de motivo objetivo para a incapacidade da fala. Ele diz que podemos pensar em um diálogo à mesa, que "em certas residências luxuosas de americanos deploravelmente ricos, pelo conforto técnico e sua utilização irracional. Ali existem salas de jantar tão equipadas que cada comensal, à medida que olha para seu prato, pode confortavelmente assistir a um aparelho de televisão instalado especialmente para ele" (GADAMER, 2002, p. 251). O exemplo nos ajuda a compreender que existem situações sociais objetivas em que desaprendemos a fala, negamos o olhar a quem está ao nosso lado, negamos a resposta a quem nos espera, por fim negamos a arte de poder dialogar.

Portanto, atestamos veracidade no fato de que a compreensão torna-se difícil quando não há uma linguagem comum. Mas o diálogo torna-se algo agradável quando se encontra o *medium* para a compreensão da linguagem. Gadamer exemplifica com o diálogo balbuciante que se dá entre pessoas de diferentes idiomas, em que conhecem apenas algumas palavras, mas se atrevem no pouco que sabem. O diálogo diariamente se dá entre pessoas de diferentes temperamentos, opiniões, crenças etc. Como cura-se esta incapacidade para o diálogo? A incapacidade para o diálogo cura-se com o próprio diálogo, de modo que este apresente autenticidade.

## 4.2 A lógica da pergunta e da resposta

Percebe-se, no decurso da estrutura de *Verdade e Método,* não uma simples relação, mas três níveis de agregação das experiências: arte, história e linguagem. Identifica-se que em cada nível há uma relação explicita com a experiência hermenêutica, de modo que há uma relação entre o jogo (arte), a consciência histórica (a história dos efeitos) e o diálogo (linguagem). O grande desafio que a experiência hermenêutica nos impõe, enquanto experiência hermenêutica, é pois, como compreender o que esta diz a si e aos outros; como entender seu sentido na relação dela conosco mesmos. O diálogo, enquanto experiência, além de declaração, é interpretação; eis o que a torna essencialmente um fenômeno linguístico. É fato de que em toda experiência procura-se (encontra-se) uma pressuposta estrutura de pergunta. Não existe atividade experiencial sem perguntas, por trás de uma pergunta existe sempre uma dúvida que necessita de uma autêntica resposta. O entendimento de que algo é assim, e não como pensávamos a priori pressupõe evidentemente a passagem pela arte do perguntar se de fato algo é assim ou de outra maneira. A experiência hermenêutica em sua essência exige abertura entre os seus

participantes. Só haverá experiência se houver fusão de horizontes, busca de conhecimento de si, do outro e do mundo.

Ora, compreender é, pois, colocar-se no horizonte do perguntar, sem jamais contentar-se com aquilo que se está sendo dito, com o óbvio. Gadamer retoma aqui o pensamento de R. G. Collingwood (1889-1943) que desenvolveu a concepção de uma "logic of question and answer" (lógica da pergunta e da resposta), em outras palavras, à dialética da pergunta e da resposta. Por conseguinte: "do ponto de vista de sua essência, o ato de perguntar corresponde a uma indagação de sentido, mediante a qual o interrogado é submetido a uma perspectiva determinada, podendo sua resposta ser adequada ou não" (SILVA JUNIOR, 2005, p. 142).

Segundo Gadamer, Collingwood acreditava que "só se pode compreender um texto quando se compreendeu a pergunta para a qual ele é resposta" (GADAMER, 2015, p. 483). Por trás de todo texto existe sempre uma pergunta, nesse sentido só se compreende uma pergunta se se compreender o texto que é resposta para uma pergunta. "Só se compreende o sentido de um texto quando se alcança o horizonte do perguntar, que como tal pode ter também outras respostas" (GADAMER, 2015, p. 482). De modo que, o que direciona todo e qualquer entendimento histórico é o desejo de conhecer a pergunta e a resposta. Por exemplo, a compreensão dialógica só acontece se seus interlocutores se encontrarem abertos uns aos outros, em uma atitude serena de escuta seguida de uma fala,

> pois a dialética da pergunta e da resposta [...] permite que a relação da compreensão manifeste-se como uma relação recíproca, semelhante à de uma conversação. É verdade que um texto não nos fala como faria um tu. Somos nós, os que o compreendemos, os que temos de trazê-lo à fala, a partir de nós (GADAMER, 2015, p. 492).

Gadamer confere que esse "trazer-à-fala", é próprio da arte do compreender, não é uma interferência pessoal, mas relaciona-se, no que lhe concerne, como pergunta à resposta. Com base na conversação que nós mesmos somos, procuramos nos aproximar do vasto campo da linguagem.

Collingwood afirma, que só se compreende quando a pergunta para qual algo é reposta foi compreendida, isso porque a estrutura da pergunta permite entender o sentido de um texto como uma resposta corresponde ao nosso perguntar. É bem verdade que o compreender é sempre mais do que uma simples reprodução de um pensamento alheio, quando temos a possibilidade de perguntar abrimos margem para uma gama de possíveis sentidos para algo, e com isso aquilo que possui significação ganha opinião pessoal. É por isso que Gadamer afirma que todo compreender é interpretar (GADAMER, 2015).

O desenvolvimento da consciência histórica efeitual em contato com a compreensão dialética da pergunta e da resposta, aplica um sentido à nossa situação de mundo, esta compreensão corresponde a uma conversação iniciada antes de nós mesmos. Ora, para o hermeneuta a história dos efeitos é muito mais ser do que propriamente consciência; talvez seja por isso que pertencemos mais a ela do que a nós mesmos (SILVA JUNIOR, 2005).

O que averigua à experiência hermenêutica sua autêntica dimensão é, com efeito sua estreita correspondência entre o perguntar e o compreender. "Aquele que pergunta está movido pelo impulso de resistência ao acolhimento de opiniões preestabelecidas, pois é essa predisposição indagativa que se constitui naquilo que move o ser humano a fazer experiências" (SILVA JUNIOR, 2005, p. 142). Por conseguinte, um verídico compreender só se torna provável ao passo que, estamos imbuídos por um autêntico perguntar, de modo que nos distanciamos das opiniões alheias e avançamos dando perspectivas de sentido. Portanto, a experiência hermenêutica efetiva-se por intermédio da expressiva abertura dialógica da pergunta e da resposta. O compreender torna-se algo recíproco, tendo em vista que, o trazer o outra à fala, implica abertura de horizonte e conhecimento de si.

### 4.3 O diálogo como *medium* linguístico

A análise sobre a compreensão dialógica em Gadamer é relevante para a hermenêutica filosófica por fazer parte de seu núcleo de compreensão. De acordo com Gadamer, compreender é mediar um processo dialógico que acontece mutuamente e que se perfaz no horizonte de quem é compreendido. Desse modo, a verdade acontece na infinitude da vida e das relações, situando a reflexão hermenêutica em seu ponto mais alto, a saber, o do *medium* linguístico, ou seja, horizonte compreensivo no qual ocorre o diálogo.

Habituamos em dizer que "levamos" uma conversa, na realidade quanto mais verdadeira uma conversação, tanto menos ela se encontra sob a direção ou comando da vontade de um dos interlocutores. Desta forma, o diálogo autêntico jamais seria aquele que queríamos levar, ao contrário, é mais correto dizer que fomos conduzidos a conversação. É interessante como uma palavra suscita a outra, como a conversa toma seus rumos, quando menos nos percebemos estamos no "festim", ou seja, no ápice da conversa. Cabe ressaltar ainda que os interlocutores são dirigidos a tal momento. A partir disso, temos uma compreensão de que a conversação tem seu próprio espírito e que a fala que ali empregamos carrega em si sua própria verdade, ou seja, se mostra, se apresenta em sua alteridade.

Acerca do compreender o outro, ou a fala do outro, Gadamer entende que:

> Compreender o que alguém diz é pôr-se de acordo na linguagem e não transferir-se para o outro e reproduzir suas vivências. Destacamos que a experiência de sentido, que assim ocorre na compreensão, implica sempre um momento de aplicação. Percebemos agora que todo esse processo é um processo de linguagem. Não é por acaso que a verdadeira problemática da compreensão e a tentativa de dominá-la pela arte – o termo hermenêutico – pertencem tradicionalmente ao âmbito da gramática e da retórica. A linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão (GADAMER, 2015, p. 497).

Deste modo, é relevante que o tradutor ao transpor uma ideia sobre um texto obedeça o contexto em que vive o outro interlocutor. Uma preocupação é que não se falsei o sentido que o outro tem em mente. Ao contrário, o sentido precisa ser mantido, mas como ele deve ser compreendido num novo universo de linguagem, precisa ganhar validez de outra maneira. Por isso, Gadamer afirma com muita clareza que toda tradução já é interpretação. Podemos dizer, inclusive, que ela é sempre a consumação da interpretação que o tradutor deu à palavra que lhe foi proposta.

Para o hermeneuta a tradução nos faz tomar consciência do caráter de linguagem como *medium* do acordo, pois este *medium* deve ser produzido artificialmente através de uma mediação expressa. Vale ressaltar que a elaboração artificial não é o caso normal de uma conversação, tampouco, a tradução é o caso normal de nosso comportamento frente a uma língua estrangeira. Antes, o fato de depender da tradução causa uma espécie de dependência por parte do interlocutor que pode estar aprisionado às suas ideias e posicionamentos.

Gadamer (2015, p. 498) assegura que nesses casos o acordo não se dá entre os companheiros de diálogo, mas entre os intérpretes, que estão realmente hábeis a se encontrar num mundo comum:

> Sabemos que não há nada mais difícil do que um diálogo em idiomas diferentes, em que um fala um idioma e o outro fala um outro, cada um deles compreendendo, mas não sabendo falar o outro idioma. Em tais casos uma das línguas procura, como através de um poder superior, impor-se à outra como *medium* para se chegar ao acordo.

O *medium* é, portanto, um acordo ou uma forma de se chegar ao entendimento de um fato. É relevante afirmar que melhor se compreende uma língua, quando se vive nela, este princípio vale tanto para as línguas utilizáveis como para as não utilizáveis. O problema aqui não seria um domínio correto da língua, mas um acordo sobre um assunto, e este por sua vez,

se dá no *medium* da linguagem. A conversação para o hermeneuta é um processo do acordo. Gadamer afirma que:

> Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para seus pontos de vista e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo como essa individualidade mas compreender aquilo que ele diz. Importa respeitar o direito objetivo de sua opinião, a fim de podermos chegar a um acordo em relação ao assunto em questão. Não relacionamos sua opinião, portanto com sua própria individualidade, mas com nossa própria opinião e suposição. Quando o outro é visto realmente como individualidade, como ocorre no diálogo terapêutico ou no interrogatório de um acusado, ali não se dá verdadeiramente uma situação de acordo (GADAMER, 2015, p. 499).

Todo este contexto nos ajuda a compreender essa situação do acordo na conversação que ganha vida no horizonte hermenêutico onde está em questão a compreensão de textos. Um exemplo bem claro é o da tradução a partir de uma língua estrangeira. Aqui fica nítido que, por mais que o tradutor tenha entrado na vida e nos sentimentos do autor, a tradução de um texto não é um mero redespertar do sentido original de sua redação, mas uma reconstituição do texto guiada pela compreensão do que se diz nele.

Em seguida, é plenamente fidedigno falar de uma *conversação hermenêutica*. Isso implica que tanto a conversação hermenêutica quanto a real devem elaborar uma linguagem que seja comum, como por exemplo na conversação, não há uma preparação para o acordo, mas coincide com a própria realização do compreender e do acordo. Como ocorre entre duas pessoas, também entre os parceiros dessa "conversação" se dá uma comunicação que é mais que mera adaptação. O texto traz um tema à fala, mas isso, em última instância, é devido ao trabalho do intérprete. Ambos tomam parte disso e se transformam (GADAMER, 2015).

Gadamer assevera que o romantismo alemão teve significativa contribuição no que diz respeito à organização sistemática da conversação, chegamos então ao entendimento de que compreender e interpretar são uma e a mesma coisa. "Como vimos, foi só através desse conhecimento que o conceito de interpretação se desvinculou da significação pedagógico-ocasional que recebeu no século XVIII, alcançando um lugar sistemático, que se caracteriza por representar o ponto-chave que o problema da linguagem alcançou para o questionamento filosófico" (GADAMER, 2015, p. 503).

Para o hermeneuta "desde o romantismo não se pode mais pensar como se os conceitos da interpretação migrassem para a compreensão, resgatados, segundo a necessidade, de um acervo da linguagem, onde já se estariam disponíveis para o caso de a compreensão não ser

imediata" (GADAMER, 2015, p. 503). Ao contrário, compreendemos que o *medium* se realiza na própria compreensão que se realiza na interpretação (GADAMER, 2015).

Gadamer afirma que existe uma diferença entre a linguagem de um texto e a de seu intérprete, por mais que o intérprete seja bom, ele nunca alcança as mesmas palavras ou os sentimentos do original. Um grande problema para a compreensão seriam as muitas expressões da linguagem que tomam e dão rumos diferentes à tradução (GADAMER, 2015). Ele afirma que "todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no *medium* de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria linguagem do intérprete" (GADAMER, 2015, p. 503).

Gadamer, após estudos na área da filosofia hermenêutica de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), considerado pai da hermenêutica moderna, o filósofo e teólogo alemão, desenvolveu a "hermenêutica dialógica", na qual defende o diálogo como modo de ser da compressão. Compreender é mediar um processo dialógico que acontece mutuamente e se perfaz no horizonte de quem compreende e do que e de quem é compreendido. O diálogo é condição ordinária para a hermenêutica. Através dele, o conhecimento é mediado em uma ação consciente entre dialogar, aprender e compreender. Sua legitimidade nunca objetiva "confrontar falas, opiniões, ou interpretações particulares, mas sim transpor-se para o horizonte de possibilidade dessas interpretações" (FERREIRA, 2011, p. 65). O diálogo é, portanto, o lugar da compreensão mútua.

Sem dúvida, o diálogo é o lugar apropriado para a discussão, é justamente neste encontro que surge a experiência hermenêutica, assim afirma Rohden (2005, p. 179):

> Desenvolveremos isso mostrando que o diálogo hermenêutico é o lugar apropriado por excelência, para o acontecer da experiência hermenêutica; o viés, portanto, será o da experiência da linguagem – hermenêutica ontológica, a qual pressupõe e sustenta uma nova concepção de metafísica.

A linguagem se manifesta no diálogo, encontro de dois mundos, o "meu eu" e o "eu do outro", isso, através da conversação. É belo, é arte poder dialogar e neste permitir o conhecer e conhecer-se, entretanto, eles não são dois seres avulsos, mas um único ser que se constitui em dois. Ivani (2008, p. 56), bem expressa isso quando diz que:

> Em última análise, seria a condição primeira da instauração do diálogo, pois na experiência do diálogo é constituído entre o *eu* e o *outro* um terreno comum; nele, o meu pensamento e o do outro formam um único todo. Não há

> no diálogo dois seres isolados, mas um ser a dois. O diálogo supõe para que realmente ocorra uma atitude de abertura, uma relação de reciprocidade, de amizade e de receptividade que basicamente só poderá ocorrer se houver antes uma intenção em conhecer o outro.

"Na filosofia, o fenômeno do diálogo e, especialmente, do diálogo dois-a-dois, reveste-se de uma importância fundamental" (ROHDEN, 2005, p. 184). Acredita-se que para que aconteça um diálogo autêntico se faz necessária a reciprocidade, ou seja, a "parceria" do "eu" com o "outro". Para que ocorra a reciprocidade é necessário que o "outro" corresponda às necessidades de escuta do "eu". Compreendemos que o "eu" não pode exigir que "outro" tome a sua fala como verdade, é necessário que o "eu" tenha mútua abertura para a fala do "outro", é importante que ao fim da fala cheguem a um concesso. Este podemos denominar *medium* linguístico, onde o "eu" e o "outro" juntos chegam a uma ideia de verdade. Rodhen (2005, p. 204-205), diz que:

> O diálogo hermenêutico acontece na relação entre parceiros, não com espectadores passivos, interlocutores indiferentes ou ditadores. Numa conversa[7], falamos de uma relação entre interlocutores; no diálogo, falamos de uma relação entre parceiros. Na conversa, há uma troca de informações, de conceitos; a relação que os participantes estabelecem entre si não visa chegar à raiz das coisas.

Desse modo, "é condição do diálogo hermenêutico que seus parceiros desdobrem-se e se descubram nele" (ROHDEN, 2005, p. 206). "Um diálogo sempre deixa marcas em nós [...] O diálogo possui uma força transformadora. Quando acontece um diálogo, algo fica em nós, e algo que nos transforma" (GADAMER, 1972 apud ROHDEN 2005, p. 191). "No diálogo hermenêutico não se impõe a opinião própria sobre a do outro, nem se monologiza, tampouco se agrega a opinião de um à do outro ao modo de soma, mas o dialogar transforma ambos" (ROHDEN, 2005, p. 199). É arte poder dialogar, e através deste diálogo poder transformar-se. Por isso, acreditamos que somos e nos realizamos no diálogo, ou seja, no confronto de dois mundos, o "eu" e o "outro", principalmente quando a relação apresenta autenticidade. Por conseguinte, compreendemos que:

> A experiência hermenêutica básica e autêntica é a experiência dialógica. Esta não trata apenas do diálogo que mantemos com alguém, mas do diálogo que

[7] Luiz Rohden diferencia conversa de diálogo, afirmando que através da fala temos apenas uma troca de informações, no entanto o diálogo é mais especifico ele adentra na vida do outro. Entretanto, Gadamer não faz essa distinção e esta pesquisa visa trazer a ideia de horizonte dialógico em Gadamer.

> somos e no qual, ao final, nos sentimos mais realizados, mais felizes. Não afirmamos apenas a natureza dialógica da linguagem, mas também uma constituição dialógica da existência. Ora é isso que sustenta o fato de que o diálogo é um modo de ser e, enquanto postura, é ontológico (ROHDEN, 2005, p. 183).

Vale salientar que a linguagem não se realiza em enunciados, mas como diálogo e/ou encontro, com a unidade de sentido, este se constrói a partir da palavra e da resposta. Rohden (2005, p. 200) afirma isso quando diz que:

> O diálogo constitui-se no intercâmbio entre pergunta e resposta, palavras e sentenças. Fazem parte dele a irrepetibilidade das perguntas que se colocam e suas respostas. Um diálogo perde sua vida ("seu espírito") no momento em que alguém não acompanha as palavras do outro, não responde ou anula o que o outro afirma.

Por isso, a necessidade de estar atento em um diálogo, isso tanto por parte de quem fala quanto do interlocutor que escuta. Podemos destacar ainda o pensamento de Gadamer quando diz que "o diálogo possui, necessariamente, a estrutura de pergunta e resposta. A primeira condição da arte da conversação é nos assegurarmos de que o interlocutor nos acompanha no mesmo passo. Isso nos é bem conhecido pelas constantes respostas afirmativas dos interlocutores do diálogo platônico" (GADAMER, 2015, p. 479). Portanto, só haverá diálogo autêntico e efetivo se houver compreensão. Esta deve ser uma das principais preocupações de quem dialoga, primeiro se o que eu vou falar é coeso e segundo se o outro de fato me compreende, me acompanha. A escuta é algo essencial para este processo dialógico, pois só se responde o que se escuta. Desta maneira é ético escutar o outro e tirar um aprendizado para vida. Ouvir o outro não significa tomar a sua palavra como verdade, ou realizar necessariamente o que ele diz, o que ele pensa. Talvez o necessário seria que acolhêssemos o horizonte do outro, e que estivéssemos dispostos à escuta de uma opinião contraria à nossa. O que Gadamer propõe é que no diálogo hermenêutico os parceiros se acolham e busquem a compreensão dos fatos.

No que se refere à concepção de ser humano, segundo Rohden (2005, p. 184) Aristóteles (384-322 a.C) concebe o homem como um "ser dotado de linguagem que se efetiva de modo mais autêntico e pleno no diálogo. Embora possa ser fixada em papéis, a linguagem só ocorre no intercâmbio dinâmico dos parceiros de diálogo". De igual modo, Platão (427-347 a.C) escreveu sua filosofia em torno do diálogo e reconheceu que filosofar é possível somente na

relação um-com-o-outro; o diálogo aberto[8] é, para Platão, o único modo como a verdade pode realizar-se.

É importante perceber o pensamento de Rohden (2005, p. 180) ao afirmar que "no contato em forma de linguagem e em tudo que chamamos de diálogo, nós procuramos as palavras". Elas nos sobrevêm, e chegam até o outro ou não o atingem. Aquilo que se quer dizer torna-se mais presente e familiar aos participantes do diálogo na troca da palavra. De acordo com (GADAMER apud ROHDEN 2005, p. 182):

> A linguagem filosófica é e se constitui autenticamente no diálogo. Com o diálogo hermenêutico ampliaremos o modelo metodológico dos jogos de linguagem, desenvolvido pelo 2° Wittgenstein. Partimos do fato de que a hermenêutica, enquanto linguagem, se institui no diálogo, isto é, a linguagem só é aquilo que é quando ela carrega tentativas de entendimento, conduzindo ao intercâmbio, à fala e contrafala. Ela não é proposição e sentença, mas é somente quando é resposta e pergunta (...) Ela conduz do monólogo ao diálogo.

Recorrendo ao dicionário Aurélio (2000, p. 470) temos como definição para a palavra monólogo "cena em que só um ator representa, falando. Solilóquio". Queremos com isso destacar que diferentemente do monólogo, no diálogo precisamos nos confrontar com o diferente quanto ao modo de ser e de pensar. Só assim, chegaremos ao horizonte do conhecimento do outro, meta planejada por quem visa um diálogo autêntico.

"O que move o diálogo é um saber referido ao outro, e o encontro com o outro, na linguagem, é uma das condições fundamentais do próprio filosofar" (ROHDEN, 2005, p. 201). À simples pergunta "o que é o diálogo?", surgiriam em pouco tempo incontáveis respostas. Imediatamente podemos pensar que seja um processo linguístico que se dá entre duas ou mais pessoas e que apesar de sua amplitude, possui sua própria unidade. Sem dúvida o diálogo sempre deixa marcas em quem o pratica ou em quem o exercita. "Em um diálogo trata-se sempre de uma coisa, e é dela que sempre se fala, mas sempre na forma de discurso sobre algo. Ele tem sempre dois momentos: a coisa da qual trata o discurso e aquilo que em um tal discurso verdadeiramente ganha expressão" (ROHDEN, 2005, p. 195).

Rohden (2005, p. 195) afirma que "o diálogo não visa apenas a troca de informações universais, descomprometidas com a realidade de cada um, nem intenciona conciliar opostos,

---

[8] Cf. "É através do diálogo aberto e franco que podemos trocar experiências, conhecemos nosso mundo e o mundo dos outros. Só crescemos enquanto seres humanos através do diálogo franco e aberto. Podemos fazer com que os outros nos descubram e podemos fazer com que os outros nos ajudem a descobrirmo-nos". Disponível em: http://www.benitopepe.com.br/2011/02/26/socrates-e-o-aprendizado-aprendendo-a-aprender-com-socrates/. Acesso em: 06/06/2016

mas salvaguardar aquilo que emerge nele mesmo". Compreendemos que o mais importante no diálogo:

> Não é sobre o que se trata, mas o parceiro nele envolvido, pois quem pergunta é perguntado, quem responde, responde sobre si mesmo. Na pergunta como na resposta dialógica, o objeto mais importante não é a coisa sobre a qual se trata, mas os parceiros do diálogo (ROHDEN, 2005, p. 197).

Portanto, "[...] o diálogo não é um 'falar-depois-do-outro', mas um 'falar-com-o-outro'" (ROHDER, 2005, p. 211). Afirmamos isso acreditando que o diálogo implica uma ética do cuidar do outro, este cuidado se volta para elementos fundamentais como a escuta e a fala. Desta maneira, a ética do cuidado ou a alteridade se volta para a mútua abertura de ambos para a escuta no tempo certo e a fala no tempo certo. Talvez o Tu tenha mais desejo de conhecer o Eu do que ele mesmo. O aspecto próprio da dialética dialógica, com relação ao outro, é ser presença, é ser todo ouvidos, ultrapassando uma relação unilateral. O filosofar se manifesta na relação autêntica entre perguntar e responder, silenciar e assimilar e falar e escutar o que o outro diz, sem a primazia do tu ou do eu, mas da transformação de ambos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que medida a hermenêutica dialógica de Gadamer tornou-se uma questão paradigmática para a hermenêutica filosófica? No exercício de uma compreensão hermenêutica do mundo, a hermenêutica filosófica é dialógica? Na estrutura apresentada, vimos que a compreensão dialógica procura o entendimento entre os sujeitos partindo das relações interpessoais, entre o *eu* e *tu* na procura de um entendimento do mundo, do outro e de si. Ora, é paradigmático porque o diálogo hermenêutico tem por condição a descoberta e o desdobramento dos parceiros em meio às infinitas experiências. É por isso que Gadamer considera que o diálogo é aquele momento que marca a nossa vida, do qual temos lembranças pois fazem parte de nossa história. A hermenêutica filosófica torna-se dialógica a partir do momento em que o hermeneuta em confronto com o mundo procura ressignificar ou interpretar as ações naturais das coisas, do mundo e de si mesmo, sempre atento à tradição.

Poderíamos pensar uma ressignificação da incapacidade de dialogar na sociedade hodierna? É urgente que esta ressignificação seja pensada, uma vez que, a sociedade cresce em individualismo e egoísmo, já não percebemos tanto o nós, mas o eu. Propõe-se portanto, uma cultura do diálogo que busque a compreensão mútua e a realização da vida por meio das experiências dialógicas. A verdade acontece na infinitude das relações, das experiências que o mundo da vida nos oferece. A verdade realiza-se inquestionavelmente por meio da tradição, da arte e do diálogo. Mas o que é a verdade?

Gadamer entende a verdade como uma experiência, possível nas obras de arte, no diálogo e na história; experiência de si com os outros relacionada à tradição. Desse modo, ele desvincula o conceito de experiência do primado do método e reabilita o conceito de verdade como experiência; verdade esta entendida para além da experiência metodológica, tornando-se inseparável da crítica à certeza da consciência de si em vista da intersubjetividade finita e dialógica. Por conseguinte, seu entendimento de verdade, relacionado ao de compreensão, ultrapassa o âmbito semântico lógico-científico, opondo-se à primazia da certeza no método e realizando-se no horizonte dialógico histórico.

Expomos que Gadamer faz uma crítica ferrenha ao método científico moderno por pensar o homem como um objeto, dessa maneira desconsiderando todo o seu legado histórico. Ele não faz uma simples crítica à ciência moderna, mas ao modo como ela se apresentava como detentora de toda a verdade. Ora, para o pensamento moderno só era verdade aquilo que passasse pelo crivo da ciência. Gadamer desconsidera esta tentativa de verdade absoluta, uma

vez que a ciência é incapaz de atingir uma explicação filosófica do entendimento de mundo, muito menos de verdade, uma vez que a compreensão humana está alicerçada em sua temporalidade e historicidade. Após a crítica, ele se posiciona totalmente contrário à ideia iluminista de que o preconceito só teria um viés negativo, defendendo o lado positivo que expressa o saber ou o entendimento antecipado das coisas. Vinculado ao conceito de preconceito nós temos o conceito de tradição que considera o homem em sua historicidade, ou seja, em suas precompreensões do mundo da vida.

Para Gadamer, afim de que o sujeito chegue à arte da compreensão é necessário que ele analise a origem e a validade das coisas. Um intérprete jamais deve sujeitar-se às suas opiniões próprias, antes ele deve estar atento à alteridade do texto. Quando se procura interpretar um texto, antes deve-se colocar no lugar e tempo do escritor, não se pode deturpar o original, mas a partir dele ter um novo pensamento. É fato de que o intérprete nunca chega ao real do texto, apenas nas aproximações, isso por que cada texto consta da subjetividade do seu escritor. Por isso, a autêntica experiência se dá na relação do tu, ou seja, na mútua abertura do eu para com o tu nas relações infinitas do mundo dialógico.

Vimos que a compreensão de que a verdade não se limita ao método científico faz parte do núcleo da hermenêutica gadameriana. É com base nisso que Gadamer empreendeu sua crítica e, ao mesmo tempo, propôs a hermenêutica como modo de filosofar. Para tanto, é necessário que a busca da verdade, de acordo com a filosofia, se faça pelo diálogo. Como leitor e apreciador dos gregos, o hermeneuta retoma a dialética socrático-platônica, pois considera o diálogo autêntico como meio de se alcançar a compreensão. Ao revisitar a dialética socrático-platônica, e, ao acolhê-la como meio para a compreensão, Gadamer defendeu em sua hermenêutica a compreensão como modo dialógico de vida. A partir disso, a afirmação de que "o ser que pode ser compreendido é linguagem" (GADAMER, 2015, p. 478), ganha sentido em sua hermenêutica filosófica que defende o *medium* linguístico na relação entre o "eu" e o "tu", na busca incessante da verdade. Efetivamente, os limites da compreensão originam-se dos próprios limites naturais e culturais da linguagem; ademais daquela interior, para qual o homem "cria" seu universo de sentido. Existencialmente, tais limites descrevem ainda algo da finitude humana, cujas defesas, longe de consistir numa opção livre pelo relativismo, é muito mais aceitação a uma evidência iluminadora.

O texto *A incapacidade para o diálogo* é um dos textos do autor que convoca à reflexão para o respeito ao outro como único modo de salvação do planeta. A *incapacidade para o diálogo* parece ser mais uma opinião contrária à do outro que uma real carência do outro. Ora, portanto, essa incapacidade cura-se com o próprio diálogo, de modo que este apresente

autenticidade em suas relações. Toda discussão gadameriana conclama para o diálogo, considerando que o outro tem sempre algo de verdadeiro a comunicar. Eis porque sua hermenêutica culmina no diálogo.

Ressalte-se que a obra de Gadamer pode ser compreendida a partir de dois grandes momentos, o de *Verdade e Método* e seus anos posteriores quando publica sua última obra. Percebemos a mudança quando notamos que os escritos do hermeneuta quarenta anos mais tarde tomam diferentes pontos de partida, onde era questão dos preconceitos do iluminismo, há agora o destino da revolução industrial, mas também de globalização e da racionalidade ocidental, tal mudança contribuiu para o futuro da academia europeia (LOPES, 2014).

Desse modo, podemos afirmar com segurança que quando se fala da hermenêutica como o cuidado da alma pelo diálogo, percebe-se uma tamanha sensibilidade da sua filosofia pouco sistêmica e dirigida ao significado escondido, ora na palavra ora no silêncio, embora sempre num mundo de linguagem. O silêncio é uma excelente oportunidade de falar, esta ação não implica ausência de palavras, mas presença atenta. O diálogo hermenêutico realiza-se nesse silenciar para escutar o outro e após esta escuta uma resposta, é por isso que o diálogo não é um falar depois do outro, mas um falar com o outro.

# REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia.** Trad. João Paixão Netto; Edwinon Aloysius Royer et al. São Paulo, SP: Paulus, 2006. Título Original: The Cambridge Dictionary of Philosophy.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa.** 15. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2008. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

FERREIRA, Adriana G. **Concepção hermenêutica de educação.** In: _____. Hermenêutica e Educação: aproximações. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/ 0913482_2011_cap_3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Trad. Flávio Paulo Meurer. Nova revisão e tradução: Enio Paulo Giachini. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. Título original: Warheit und methode.

_____. **Verdade e Método II: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Trad. Enio Paulo Giachini. Nova revisão e tradução: Márcia Sá Cavalcante Schubak. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002. Título original: Warheit und methode.

_____. **O problema da consciência histórica.** Organizador: Pierre Fruchon. Tradução de Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** V. I, Tradução de Márcio de Sá Cavalcanti, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HEKMAN, Susan J. **Hermenêutica e sociologia do conhecimento.** Tradução de Luís Manoel Bernardo. Lisboa: Edições 70, 1986.

LAWN, C.; KEANE, N.*et al.* **The Gadamer Dictionary**. New York: British Library, 201

LOPES, Maria dos Santos Silva. **A experiência hermenêutica:** da reabilitação dos preconceitos ao conceito de experiência hermenêutica. São Luís, 2012.

_____. Maria dos Santos Silva. **A experiência da solidariedade como práxis hermenêutica em Gadamer.** Projeto (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, 2014.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**. 3. ed. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2005. (Série Ideias).

SILVA, Almir Ferreira da; Lopes, Maria dos Santos Silva. **Experiência hermenêutica em Gadamer:** da reabilitação dos preconceitos ao conceito de experiência hermenêutica. In: Peri, v. 06. n. 01. 2014, p. 1-18.

SILVA JUNIOR, A. F. S. **Estética e hermenêutica**: a arte como declaração de verdade em Gadamer. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-04012008-122703/en.php>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SILVA, Maria Luísa P. F. da, **O preconceito em H. G-Gadamer:** sentido de uma reabilitação. Coimbra: FCG, JNICT, 1995.